

Vanzolini por Vanzolini¹

Vanzolini by Vanzolini

Paulo Emílio Vanzolini

1
Carlos Eduardo Sampaio
Burgos Dias - Historiador do
Laboratório de História da
Ciência do Instituto Butantan
responsável pela textualização
das entrevistas. Contato: carlos.
dias@butantan.gov.br

2
Entrevistadores originais:
Museu da Pessoa; Itamar
Cavalcante; Vera Rita da Costa;
Ronald Cintra Shellard; Áurea
Alves; Fernando Toledo; Paulo
Markun; Mauro Dias; Eduardo
Gudin; J.C. Botezelli; Francisca
C. do Val; Lázaro de Oliveira;
William Saad Hossne; Ricardo
Dias; Eduardo Geraque; Amélia
Império Hamburguer; Drauzio
Varella.

Introdução

O texto aqui apresentado é uma coletânea, organizada de forma temática, de trechos de entrevistas feitas com Paulo Emílio Vanzolini, buscando apresentar o cientista, suas origens, formações, experiências profissionais e pessoais, sem deixar de lado seu passatempo predileto, aqui intitulado *Samba*.

A organização temática, embora não obedeça uma ordem cronológica tem como denominador comum assuntos recorrentes, inferindo momentos e características marcantes de sua personalidade: A origem; O Jovem cientista; Tempos de Escola; A Faculdade de Medicina; os Estados Unidos; Museu de Zoologia; FAPESP; Teoria dos Refúgios; Expedições; o Cientista; o historiador da ciência; e Samba. Não há notas de rodapé explicativas.

As temáticas de divisão do texto buscaram dar ainda uma visão não fragmentada do autor por meio de fatos acontecidos e suas interpretações dentro de vários períodos de sua vida, assim como o último tema Samba, que perpassa toda sua trajetória.

Muitas vezes contraditório, para uns, amigo, sincero, irreverente, para outros, inimigo, arrogante; como o próprio Vanzolini gostava de dizer: *Tenho mais inimigos que amigos, lógico! O homem deve ser julgado pelos seus amigos e pelos seus inimigos. Nasci para ser polícia; não suporto bandidos.*

Todas as entrevistas podem ser consultadas na íntegra junto às fontes de onde foram retiradas.

A origem

*Sempre fui contra a militância.
Eu era socialista utópico.
Sabe por que eu não era anarquista?
Porque nunca consegui estudar
o anarquismo, para ser.
Meu bisavô era anarquista,
fugiu da Itália para morar no Brasil,
numa colônia anarquista.
Eu sempre tive muita vontade de ser anarquista,
mas nunca tive tempo de estudar o anarquismo.*

Sou Paulo Emilio Vanzolini, nascido em 25 de abril de 1924 em São Paulo, Avenida Brigadeiro Luiz Antonio. Na carteira de identidade está 1923, isso porque quando eu fiz dez anos de idade estava pronto para fazer o exame para o ginásio, porém só podia com onze, então meu pai não queria que eu parasse de estudar, foi ao cartório do Brás e fez uma certidão nova.

Sou filho de um engenheiro que tinha quatro lados e quatro ângulos rigorosamente iguais: ele foi engenheiro civil e eletricitista e acabou realizando o seu sonho de ser professor da Escola Politécnica da USP. Ele chamava-se Carlos Alberto Vanzolini, e minha mãe, dona de casa, chamava-se Finoca Giudice Vanzolini. Tenho um irmão e uma irmã, sou o mais velho, somos três irmãos extremamente unidos.

Foi importante para mim o convívio com meu pai, porque acabei me criando num ambiente universitário. Eu tinha grande ligação com meu pai: à noite, ficava sentado no chão, olhando-o trabalhar em sua mesa. Os amigos dele, os que iam visitá-lo, bater papo e tomar cerveja, eram professores universitários. Nessa época, adquiri profunda descrença no professor universitário: cresci sabendo que o professor universitário pertence a uma das classes mais infelizes, menos realizadas e mais frustradas que existem. E o pior: com alta frequência de má-conduta.

Meu bisavô já era intelectual na Itália. Ele traduziu o *De Rerum Natura, de Titus Lucretius Carus*, célebre tratado de História Natural, para o italiano. Era um erudito de província, mas era erudito. Meu avô era professor de ginásio lá em Campinas.

Quem veio pro Brasil foi meu bisavô, que era calabrês. Foi um dos construtores da Colônia Cecília, experiência anarquista no Paraná. Foi na fazenda dele, em Palmeiras. O Rossi, Giovanni Rossi, teórico italiano que imigrou para o Brasil a fim de fundar uma colônia anarquista era amigo dele. Meu bisavô saiu da Itália porque era anarquista. Saiu com a polícia atrás, foi ser médico de navio, desceu em Paranaguá, gostou do Brasil, comprou uma fazenda e ficou. Hoje é o município de São José das Palmeiras. Em 1870 que ele veio da Itália.

O Rossi era um sujeito muito engraçado, ele queria provar que o anarquismo era viável, mas, você imagine, a Colônia Cecília acabou em briga de faca. Porque o Rossi achava que o grande erro era a propriedade, a propriedade se baseia na família, então cada mulher devia ser casada com dois ou três homens, para ninguém saber de quem era o filho. Para não ter propriedade. Ora, você bota isso no meio de italiano, acaba mal. Na primeira vez que eles começaram a trocar de mulher, acabou em briga de faca. O Rossi era de *Pisa*, na Itália. Ele escreveu um livro (*Il Comuna in Riva al Mare*) sobre uma colônia anarquista perfeita, mas era tudo inventado, era tudo da cabeça dele. E quando Dom Pedro II chegou à Europa, estava procurando um agrônomo para modernizar a Agricultura no Brasil. Apresentaram ele ao Rossi. E ele disse: *Vamos pro Brasil*. E o Rossi: *Mas eu sou anarquista*. E ele disse: *Dom Pedro, e daí?*, como se estivesse se apresentando. Uma das razões pelas quais acabou a Colônia Cecília foi porque, com a República, passaram a cobrar imposto. Dom Pedro II tinha dispensado a Colônia de impostos. Porque anarquista não pode pagar imposto, não é? Porque está fora do regime capitalista, né? O Rossi era um cara muito engraçado: ele tinha uma filha que ele não sabia se era dele ou de um amigo dele. Ele criou-, eram gente muito boa, veja que

maluquice: o mal é a propriedade; a propriedade se baseia na paternidade; vamos apagar a paternidade.

O jovem cientista...

*A vida do zoólogo é a melhor vida do mundo.
Deus, quando me fez zoólogo,
sabia o que estava fazendo.*

Eu era muito rebelde em matéria de escola e detestava as aulas. Sempre gostei de bicho, mas não gostava das aulas. Aliás, para ser mais sincero, nos quatro anos de primário, cinco de ginásio, dois de pré-médico, seis de medicina e três de Harvard, nunca assisti às aulas com gosto.

Meu pai era o contrário, e tremia de medo cada vez que eu tinha de fazer um exame. Então, ele me subornava. Na época de entrar para o ginásio, ele me prometeu uma bicicleta se eu passasse com distinção. Eu, é lógico, entrei. Peguei a bicicleta pela primeira vez e advinha onde eu fui? No Instituto Butantan. E me apaixonei. Eu tinha dez anos quando me apaixonei pelas cobras e pelos répteis. Desde então resolvi ser zoólogo, trabalhando no assunto. Nessa visita ao Butantan, entendi o que queria na vida. Com catorze anos, quando estava terminando o ginásio, arranjei um estágio no Instituto Biológico. Naquele tempo, havia maior facilidade para os jovens estagiarem em laboratórios. Eles recebiam a gente com boa vontade, sem obrigação nenhuma de ambas as partes. Lá comecei a profissionalizar-me como zoólogo.

No Instituto Biológico eu era uma espécie de segundo auxiliar de cachorro. Fazia o que me mandavam, mas o que mais me atraía eram os trabalhos sobre a evolução. Como aprendizagem de Zoologia foi muito ruim. A zoologia que se fazia lá era derivada da de Manguinhos, do Instituto Oswaldo Cruz, a pior zoologia do mundo. Quando fui para Harvard, nos Estados Unidos, me achando o fino, tive um choque cultural tão violento ao descobrir o que era a zoologia moderna, que quase desisti do projeto.

Eu tinha um museu em casa quando criança, com os bichinhos que eu pegava. Não era um museu

científico. Mas era um começo de vida. Armazenava numa estante, no porão de casa. Meu pai era uma maravilha de pessoa. A força que me deu para fazer-me cientista foi incrível. Ele era professor da Poli, e aliás, um lugar de pouco espírito científico na época. Era puramente profissional. Eu o adorava. Era o rabo dele. Ele de noite ia trabalhar no escritório dele. Na nossa casa tinham três andares e o andar de cima era escritório dele e do meu irmão. Cada filho tinha um. Eu com dez anos de idade tinha um escritório meu. Com minha estante, minha mesa e tudo. Adorava meu pai. Morreu com cinquenta anos.

Esses bichinhos não eram coisa de menino, apenas brincadeira, eu estava me profissionalizando. Lagartixa, sapinho, borboleta, todos os bichos que você pega na rua. Não guardava vivos, eram preparados. Era Museu! Eu nasci para isso. Sou até hoje um homem de museu. Onde eu estudei em Harvard? Museu de Zoologia Comparada. Não foi na universidade em geral, foi no Museu. Meu professor era o diretor do museu de Harvard. Um Museu famoso fundado por Louis Agassiz.

Já tinha minhas coleções de bichos, mas não matava passarinhos. Criança não deve caçar passarinho, porque não sabe fazer taxidermia. Uma coisa que insisto muito, e todos os que trabalham em museus insistem, é o problema ético: você não deve matar um bicho para desperdiçar. Você começa no passarinho, vai para o macaco, chega ao homem e não para mais. Só se pode matar um bicho se for para tirar dele uma informação científica que compense. Só pelo prazer, compensa? De jeito nenhum! Matar um passarinho que você não pode aproveitar é uma estupidez.

Tempos de escola

*Muita coisa daria livro,
o que não dá livro é autor.*

Estudei no Liceu Nacional Rio Branco, que era um colégio moderno, mas me aborreci lá e passei para o Ginásio do estado, na rua Flores, centro Velho da cidade. Era um patamar acima de qualidade no

ensino. Estudar lá, naquele tempo, era o fino. No quarto ano resolvíamos problemas de física por derivadas. Tínhamos também grego e latim. Estudei grego no ginásio. Não era apenas eu, era uma turma de cinquenta. A escola era como hoje, e a professora te dava uma lição para fazer.

Eu tinha um maravilhoso professor de português, um homem que marcou minha vida, chamava-se Omar Sampaio Doria. Ensinou-me a ler. Ensinou-me a gostar de poesia, me ensinou a escrever. Eu era o primeiro da classe, não vamos esconder. Aí, um dia conversando com o filho de um torrefador de café que tinha em frente de casa, que era do mesmo ano do meu no ginásio, sabia coisas que eu nunca tinha ouvido falar. Então falei com o meu pai que o Ginásio do Estado era muito melhor que o Rio Branco. Meu pai era amigo do diretor do Ginásio do Estado, que era o Martin Damie. Transferiu no mesmo dia. E aí eu cheguei ao Ginásio do Estado, no Rio Branco, nunca tirava menos que cem, minha primeira nota no Ginásio do estado foi vinte e cinco. Engraçado era ali na Várzea do Carmo, rua do Carmo.

Eu tive aulas de grego. Não aprendi grego. Mas o ginásio ensinava até isso. Era uma qualidade de ensino imensamente superior a das escolas particulares. Tanto que aluno de lá não fazia cursinho. Eu não fiz cursinho para entrar na faculdade de medicina. Entrei direto. Não estou dizendo que eu sou diferente. Foi a minha turma toda. Era um ensino de grande responsabilidade do aluno. Eles jogavam coisas para você e você que se virasse. Havia professores famosos. Pela dureza. O famoso *Cruise* de matemática que todo mundo era apavorado. Era uma escola maravilhosa.

O tempo de Ginásio marcou. Ensinou-me a estudar em casa. O professor dava o assunto e você se virava. Era um ginásio maravilhoso. Professores não eram luminárias. Não eram grandes cientistas nem nada, mas era gente firme, competente e muito séria. Eu tenho a melhor lembrança do Ginásio do Estado.

A Faculdade de Medicina

*Eu tenho a maior gratidão pela USP.
Não era uma grande escola.
No Brasil,
não tem nada grande,
mas era o que podia ser!*

Um dos amigos de meu pai, professor universitário, com enorme influência na minha vida foi o André Dreyfus. Ele me fez estudar medicina e não biologia. No início da década de 1940, quando eu terminava o secundário, já queria ser zoólogo de vertebrados. Mas o Dreyfus disse: *Não venha para esta faculdade! De Filosofia. Não havia ciências, biologia, era História natural. O Ernst Marcus, que é professor de zoologia, não sabe de vertebrados. Vá para a Faculdade de Medicina, onde o curso básico é muito bom. Depois de formado, você vai para os Estados Unidos ou Inglaterra e faz o PhD.* Foi o que fiz: fui para Harvard, nos Estados Unidos. Por ser formado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com o curso básico que eu tinha, dispensei metade dos créditos.

O Dreyfus me conhecia desde que nasci, eu sempre o visitava em seu laboratório. Quando veio para São Paulo, não tinha cargo universitário. Era um franco-atirador: vivia de dar cursos de atualização em citologia, embriologia e genética. Era um conferencista brilhante, mas nunca tinha feito pesquisa alguma. Dava cursos de todos os assuntos, principalmente para os médicos. Mas o conselho de Dreyfus foi fundamental para mim, porque quando cheguei à Universidade de Harvard para fazer o doutorado em zoologia, em vez de fazer 16 créditos, tive de fazer só oito. Imagine o que significa isso em tempo e em dinheiro? Sabe em quanto tempo eu fiz o PhD em Harvard? Em cinco semestres.

Não havia militância nessa época, porque não havia partidos políticos. Havia só a estudantada que acabava sendo um partido. Éramos contra o Getúlio Vargas. Lembro-me bem do “9 de novembro” de 1943, quando fomos metralhados na rua pela polícia e mataram alguns estudantes no largo

do Ouvidor. Em 1944-1945 o negócio ficou extremamente sério por causa do “Queremismo”. O Hugo Borghi, político da época, montou um grupo de bandidos para arrebentar comício dos outros. Nesse período, fui servir ao exército como voluntário. Não fui para a Itália porque a guerra acabou antes. Mas teria ido, porque achava que a mudança que estava acontecendo no mundo era tão grande que para se ter autoridade moral era preciso participar diretamente. Uma bobagem, mas naquele tempo eu pensava assim. Também não quis servir ao exército no Centro Preparatório de Oficiais da Reserva (CPOR) e fui servir como praça na Cavalaria. A Cavalaria foi uma escola de vida para mim: era aquela coisa de amansar cavalo e policiar zona de baixo meretrício. Era uma vida fabulosa, se bem que nós frequentávamos coisa melhor, não aquele “fundo de poço raspado”.

Passei no vestibular e fui para a universidade. Universidade de São Paulo. Aí fui estagiar no Instituto Biológico. Porque havia facilidade. Foram muito bons para mim, mas era um lugar retrógrado cientificamente. Eu tive que desaprender tudo que eu aprendi lá. Mas era boa gente. Trabalhadora, honrada. Só que eles eram muito atrasados. Era a Escola de Manguinhos. Chamavam de Escola de Manguinhos. Então, isso para mim foi bom, porque foi gente muito boa que me entusiasmou para fazer carreira. Ensinaram a beber cachaça. Todo dia, quando fechava o laboratório tomava um golinho.

Terminei a faculdade em 1947 e meus colegas de turma eram extremamente medíocres. Eu convivía com muito pouca gente e ia à faculdade mais para fazer os exames. Nessa época, já era estagiário do Butantan e meu interesse já estava definido.

Nunca cliniquei, eu não aparecia nas aulas nem no hospital. Sempre dava um jeito. Na verdade, onde tem vontade, tem jeito. Quando chegava perto dos exames, eu dormia no Hospital das Clínicas e a turma me dava um cursinho intensivo.

Os professores da Faculdade de Medicina, daquele tempo, eram de uma mediocridade pavorosa. Querem um exemplo? Tive uma briga com o professor de anatomia e fui reprovado duas vezes. Tive

de fazer os três anos de anatomia em cinco, porque, no exame final, o professor falou: *É costume dos alunos fazer arruaça no último dia de exame. Peço que não o façam, em respeito ao seu velho professor e ao material-cadáver, pobres indigentes que resgatam suas dívidas com a sociedade servindo ao ensino dos médicos.* Fiquei revoltado com esse discurso, peguei minha prova e devolvi em branco. O professor perguntou aonde eu ia e respondi: *Vou embora, vou para algum lugar onde indigente não tenha dívida para resgatar com a sociedade.* Vocês acham que tem cabimento um pensamento desses? Os *pobres indigentes* resgataram suas dívidas ensinando anatomia para nós? Tirei zero e repeti o ano, repeti duas vezes o curso de anatomia. Anos depois, esse professor me mandou um recado pelo William Saad: *Pensando bem, você tinha razão, indigente não tem dívida com a sociedade.* Na faculdade de medicina tinha a missa do cadáver, quer dizer, o indigente resgatava sua dívida com a sociedade, vocês já pensaram? Esse tipo de coisa que a gente tem que ser contra, a gente tem que se manifestar, porque não é possível, não é?

Vou dizer uma coisa: a vinda dos professores europeus foi um desastre para a USP. Todo mundo fala bem deles, mas eles foram uma lástima.

Basta ver o Alfonso Bovero: era admirado como grande anatomista e cientista, mas era um decorador de terceiro time. Nunca teve uma ideia na cabeça, não fez um trabalho bonito em anatomia. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, tivemos também o Marcus, na zoologia, e o Félix Rawitscher, na botânica, que não poderiam ter sido piores. Atrasaram a ciência no Brasil. Quanto aos matemáticos, não sei avaliar.

O sistema de cátedra, quando fiz concurso para a cátedra de zoologia, sabe quantos assistentes tinha o Marcus? Dezessete. Quer dizer, era um professor sentado com “bunda de chumbo” no topo de uma pirâmide de assistentes. Ele era “o” professor de zoologia, mas não dava artrópodes, porque não sabia de insetos; não dava ecologia, porque não sabia, era um absurdo: o cara que dava ecologia ou insetos devia ser considerado um colega, não um assistente. O sistema de cátedra significava privilégio para alguns e

atraso para a ciência. Eu era contra isso, daí terem me ferrado no concurso para a cátedra de zoologia. Eles sabiam que eu iria defender o fim do sistema europeu e da cátedra e a introdução do sistema universitário norte-americano na USP.

Existe um trabalho publicado pelo CNPq, de um antropólogo, o George Zarur, que mostra isso. Eu me opunha moralmente à existência de um professor com 17 assistentes. Com o dinheiro que ganhava um professor de zoologia, eu pagaria no mínimo quatro ótimos professores para ensinar vertebrados, invertebrados, ecologia e comportamento animal. Era aceitável ver o Paulo Nogueira Neto, belo especialista em abelhas, estudando peixes à noite para dar aula no dia seguinte?

Os Estados Unidos

*Tudo que tenho e fiz
foi a lagartixa que me deu.
Com um litro de formol e estudando lagartixa,
criei seis filhos.*

Eu devo muito aos Estados Unidos. Eu fui muito bem tratado por lá. O Museu de Nova York, Museu de Washington foram pai e mãe para mim.

Antes de ir para Harvard, eu já tinha recebido uma oferta de bolsa nos Estados Unidos, mas meu pai dizia: *Não, você ainda não está maduro. Trabalhe uns dois ou três anos aqui e, quando estiver bem dentro da realidade de sua profissão, você vai.* Por isso, não fui logo para Harvard e não aproveitei a bolsa. Fui mais tarde com dinheiro do meu pai e depois arranjei trabalho. Na época, tinha 24 anos.

Eu me senti um ignorante de pai e mãe e fiquei desesperado. Tive um choque cultural tão grande que achei que teria de ler dois livros ao mesmo tempo, um com cada olho, para tirar o atraso. Eu não sabia o quanto o País estava atrasado naquela época. Hoje, não, o Brasil tirou o atraso, mas naquele tempo, meu Deus, era uma vergonha.

Quando cheguei, eu lia inglês com perfeição, mas fui comprar cebola e não consegui me fazer

entender. Eu falava muito mal, tinha uma pronúncia muito ruim.

Eu casei e fui. Dois anos e meio. Foi muito bom lá. Não fiz mestrado. Fiz doutorado direto. Em 1951 fiz o doutorado. Fui para lá em 1949, 1950. A minha filha Maria Eugenia nasceu lá. Voltei em 1951. Eu tive muitos bons amigos, que eu tenho até hoje. E me dava muito bem, Fui muito bem tratado. Como estou dizendo. Ajudavam-me. Eu nunca precisei de ajuda que não tivesse na hora. Americano é muito generoso. Então. Foi um tempo muito feliz da minha vida.

Fui para os Estados Unidos no final de 1948. Já trabalhava no Museu de Zoologia e pude levar para lá meu ordenado. Só que eu ganhava U\$ 50,00, (cinquenta dolares) o que era uma porcaria. O que me ajudou é que nessa época meu pai deu um carro para meu irmão e um enxoval de casamento para minha irmã. A minha parte ele deu em dinheiro. Então, eu só tinha dinheiro para viver no exterior seis meses. Quando o dinheiro estava acabando, falei para o Alfred Sherwood Romer, que era o meu chefe lá: ou arranjo bolsa, ou arranjo emprego, ou volto para casa. Ele imediatamente me arranjou um excelente emprego, uma excelente bolsa e fiquei muito feliz.

Cheguei a dar cursos em Harvard, eu precisava viver. O James Bryant Conant, um dos caras da bomba atômica, era o reitor de Harvard e um grande idealista do ensino universitário e científico. Ele achava que ciência devia ser para todos e criou o *general education*, programa de cursos sobre ciência para não-cientistas. Romer era responsável por um curso de evolucionismo: eram vinte conferencistas e o Romer centralizava as coisas. Mas ele não gostava disso e falou pra mim: *O dia em que o seu inglês estiver bom, dou-lhe esse emprego.*

Romer era um cara maravilhoso, mas não gostava de ter estudante de pós-graduação nos calcanhares. Tinha porque precisava, mas não se interessava pelos estudantes. Mas, comigo, tinha um relacionamento diferente. Na época em que estive em seu laboratório, Romer trabalhava com crânios fósseis da Pensilvânia. Os crânios eram deformados, porque vinham de uma região em que os estratos

eram de ardósia e haviam sido comprimidos. Ele ficava no laboratório recompondo os fósseis e eu ficava por perto, ouvindo o que ele falava. Era um cara que conhecia morfologia. Aprendi pra burro com essas aulas extras. Mas a maioria dos outros professores era ruim. Na biologia, Harvard é uma farsa, uma invenção, um marketing desgraçado.

Fui para os Estados Unidos porque lá era o melhor que tinha. Não fui pela universidade. Fui pelo professor. Era o Romer, que era o grande homem de répteis da geração dele, que foi um pai para mim. Romer era um americano típico. Com aquela ingenuidade de americano. Era um sujeito muito bom. Tinha uma reputação internacional extraordinária. Além de grande cientista, Romer era também uma magnífica pessoa. Eu conheci todos os grandes cientistas do meu tempo, sabe como? Indo na casa do Romer. Todos os grandes homens daquele tempo passaram por seu laboratório em Harvard. Passavam pelos Estados Unidos e iam visitar o Romer em casa. Como gostava muito de mim, sempre me chamava com outros dois ou três assistentes mais chegados para tomar um uísque na casa dele, à noite. Em Harvard, adquire tarimba internacional. Foi lá que conheci o Julian Huxley e o Padre Teilhard de Chardin. Quando conheci o Teilhard, pensei que era um nobre inglês. Nunca vi alguém tão distinto e bem-vestido na minha vida.

Como toda reunião de cientistas, tinha era muita fofoca. Íamos lá para contar as novidades e falar mal dos colegas. Eram reuniões descontraídas. Um cara que desde o primeiro dia em Harvard ficou meu amigo foi Phillip J. Darlington. Ele era o único sujeito que sabia de biogeografia naquela época e estava trabalhando em seu famoso livro *Zoogeography: the geographical distribution of animals*. Na época, publicou três artigos – sobre répteis, anfíbios e peixes – e Romer pediu que três alunos preparassem seminários sobre os artigos. Apresentei o seminário de répteis e o Darlington esteve presente. Ele concordou e discordou em várias coisas e acabou me convidando para conversar em seu laboratório. Fui e ficamos amigos íntimos. Ainda outro dia, dei a espingarda que comprei por causa dele. Era um grande

coletor de bichos e ajudou-me a escolher uma arma para caçar quando voltasse para o Brasil. Já que perdi uma vista e não posso mais atirar, resolvi dar a espingarda de “mão-quente”, antes de morrer.

Edward Wilson, autor da *sociobiologia* foi meu colega lá e meu grande amigo. Recebo todos os seus livros com dedicatória. A *sociobiologia* é uma bela teoria e um negócio muito fecundo. Tem críticas que a gente prefere nem prestar atenção, porque é só enchimento de paciência.

Conheci o *Stephen G. Gould*, o primeiro computador que usei na vida era dele. Era um computador que parecia um tanque de lavar roupa. Dou-me muito bem com *Stephen G. Gould*. Ele é um sujeito muito inteligente, mas é muito “Unicamp”. É marketing para todos os lados.

A grande experiência de ir para os Estados Unidos foi morar lá. Exatamente. É uma civilização completamente diferente da nossa. Principalmente retrogrado como era São Paulo. São Paulo era um lugar interiorano. Naquele tempo. Eu ficava em Boston, que era uma cidade ultra sofisticada. Meu Deus. Na primeira vez que eu entrei num bar de jazz eu quase desmaiei. Em Orleans. Eu viajava muito nos Estados Unidos. Eu vi escrito na porta: Village Vanguard. Gostei do nome e entrei. Me dei com as garçonetes e fiquei frequentador desse bar. Na época conheci *George Weiss*, que foi um dos grandes cantores do tempo. Ficou muito meu amigo.

Eu aprendi que o cientista, em primeiro lugar, tem de ser generoso. Não é importante ser o dono da ideia. O importante é que a ideia esteja à disposição de todo o mundo. Se tenho uma coleção, tenho obrigação de compartilhá-la com quem dela precisa. Se tenho uma biblioteca, meu desejo é compartilhar os livros. Isso aprendi nos Estados Unidos, com a generosidade cultural do americano.

É por isso que todo o mundo quer ir para lá. Eles têm outra cabeça. É difícil você entender o processo sem experimentá-lo pessoalmente. A política mais inteligente é, de fato, a da generosidade. Você tem que dar e tem que pedir. Se eu citar um bicho raro, dou para quem precisar. A melhor troca depende do melhor uso que esse bicho possa ter. Se

tenho um livro importante, ponho à disposição o xérox para todo o mundo. A escola científica europeia é baseada na pequena vantagem, na mesquinha, o que a faz muito diferente da maneira de pensar do americano.

Museu de Zoologia...

Eu não ligo muito para o público.

Não acho importante escrever de forma acessível a um público mais amplo.

Sou elitista mesmo.

Faço ciência para mim e mais meia dúzia de caras.

Cada um que faça o seu serviço e me deixe com o meu.

Não sei fazer mais nada. Desde 1946 estou no Museu, seis dias por semana, domingo vejo futebol na televisão.

O diretor que me antecedeu, foi meu patrono, o Lindolfo Guimarães. Era um tipo extraordinário. Um grande cientista e uma grande pessoa humana. Chama Lindolfo Rocha Guimarães. Tanto que quando eu tive um barco na Amazônia botei o nome de Lindolfo R Guimarães.

Quando eu cheguei era um museu mais provinciano. Eu e a minha turma transformamos o museu, mais civilizado, mais moderno. Modernizamos o museu. Modernizamos as bibliotecas e as coleções. Por exemplo. O museu, nós fizemos uma coleção de dípteros para usar em medicina legal. Porque um cadáver pode ter as larvas de moscas. E a larva de mosca dá o tempo de morte do cadáver. Então é muito importante a larva de mosca. O museu fez a primeira coleção de larva de moscas dedicada a medicina legal. Tanto que, sabe como chama o laboratório de medicina legal da USP? Paulo Vanzolini! A qualidade científica do pessoal do museu era excelente. Era excelente mesmo.

A biblioteca do museu é completa. Tenho cem por cento do que se publicou sobre répteis na América do Sul. O que não está no original está em fotocópia. Todas as espécies de répteis da América do Sul estão fichadas e todas as citações, desde a

primeira, estão anotadas. Isso facilita muito, pois não preciso sair para fazer um trabalho.

Quando assumi o trabalho no Museu de Zoologia, a coleção de répteis e anfíbios tinha 1.200 exemplares. Hoje tem 220.000. É a quinta ou sexta do mundo. Muitos animais foram trazidos por alunos, outros foram comprados. Por exemplo, cheguei a comprar dez mil répteis de um colecionador do Chile. Isso nos ajudou a possuir uma coleção de animais chilenos perfeita.

Tenho só ajuda da datilógrafa da seção. Mas a iniciativa e anotação original são minhas. A grande besteira que se faz no Brasil é usar técnico para essas coisas. Aqui, mesmo depois de datilografado, volta para minha mão para conferir e eu mesmo arquivo.

Não tenho equipe. Nunca tive equipe. Sou eu, comigo mesmo. A secretária é do departamento, não é minha. A chefe da seção de répteis foi minha assistente muitos anos e é minha grande amiga; por isso, o relacionamento aqui no museu permanece como sempre foi. É opção minha. Trabalhando em equipe, você se nivela com o pior. É como partido político: se você entrou no partido se compara a todos os membros.

São Paulo sempre teve muito dinheiro para tudo. Nunca faltaram recursos para nós. Até hoje me considero membro do Museu de Zoologia da USP. O Museu tem as coleções de bichos do Brasil, para exposição pública. Tem uma biblioteca muito boa e muito bem atendida. Bibliotecárias de primeiríssima ordem. As melhores bibliotecárias do Brasil estão no Museu de Zoologia. Então, quem quiser estudar bicho dentro do país o museu dá apoio completo e imediato.

Há várias estantes enormes, repletas de livros de Zoologia em várias línguas, a maioria especializado em répteis. Isso aqui eu comprei com os direitos de *Volta por Cima*. Foi a única coisa que eu ganhei com música.

Sete e meia da manhã eu estava no Museu. O que eu gosto de fazer é isso. Estou aposentado desde 1993. O que você acha que eu venho fazer aqui? É porque gosto. Dirigi por 30 anos. Quando eu entrei

aqui eu era muito jovem e os outros eram muito mais velhos, de modo que, por idade, caiu na minha mão, além do que o governador era meu amigo. Fui diretor porque era o único. Não tinha mais ninguém. Era o Lindolfo Guimarães e eu. Foi o Lindolfo, depois o Lindolfo se aposentou, tinha que ser eu. Chegou a minha vez. Não tinha ninguém formado, e eu era, naquele tempo era uma posição de muito pouco prestígio. Era um departamento da Secretaria da Agricultura. Quem é que trouxe o museu para a universidade? Fui eu! Esperando ter uma grande oposição. Foi a coisa mais fácil!

Eu tocava aquele museu com nove funcionários. Nove funcionários tomavam muito pouco tempo. O funcionalismo do museu é excelente! Um pessoal que faz muita questão do emprego, porque moravam todos perto do emprego, era tudo gente do Ipiranga. Então, dá para ter filho, dá para dar de comer ao marido. O funcionalismo do museu é excepcionalmente bom, não dava trabalho nenhum.

O que me atrapalhou um pouco foi a perda do olho direito, por causa de glaucoma. Hoje, eu valho só meio Rondon, porque o Rondon perdeu os dois e eu perdi um só. Mas isso não chegou a afetar minha produção. Só no começo, porque não enxergava bem. Operei quatro vezes os dois olhos: o direito eu perdi e o esquerdo agora está ótimo. Os óculos novos que o médico me deu resolveram!

No tempo dos militares foi um cansaço, porque eu saía, o guarda noturno vinha, botava o jornal em cima da minha mesa e virava a cesta de lixo e examinava. A correspondência vinha aberta, o telefone grampeado. Até um dia, inclusive um oficial de marinha escalado para ficar em cima de nós, falou assim para mim: *Olha, você e o Warwick E. Kerr não vão ser presos nem torturados porque não vale o escândalo, vocês vão perder o emprego.* E um dia o general Golbery do Couto e Silva me chamou em Brasília e disse assim: *É, nós estamos acompanhando o seu trabalho no Amazonas, vai muito bem, mas tem um grande problema. O senhor só escreve em inglês.* Eu disse: E qual é o problema? *Não, é que a oficialidade da Amazônia tem que estar a par do seu trabalho.* Eu disse: general, quem não lê inglês,

não entende meu trabalho em português. *É, isso é uma atitude que pode dar mal resultado, o senhor pensa bem.* Eu falei: general, depende de quem ficar mais, vocês ou nós. Fomos nós, né? Ao chegar no Museu: *Bom dia, censor.* Pegava o telefone e cumprimentava. Quando eu escutava o estalar do escutador, eu falava: bom dia, tudo bem aí? Mais um dia de companhia!

A única música minha que deu dinheiro foi *Volta por cima*. Com *Volta por cima* eu fiz um banheiro novo na diretoria do museu. Eu não queria levar dinheiro de música para casa, porque era um dinheiro muito incerto. No mês que vem a mulher pergunta: “Cadê o dinheiro?” Então, eu guardava o dinheiro numa gaveta no museu e gastava em pequenas despesas, não era muita coisa, pequenas despesas do museu. Precisava comprar isso, vai lá e compra. E inventaram o negócio de *Fundação Volta por Cima*. Gozação comigo. Um dia, apareceu o doutor Conrad, da Fundação Rockefeller, querendo conversar comigo. Falei: pois, não. *É que nós soubermos da sua fundação.* Eu fui lá, abri a gaveta, quando ele viu meia dúzia de notas de 50 velhas na gaveta, ele respirou fundo. Pensei, matei o velho!

O jovem precisa frequentar o museu porque o museu tem a decantação no tempo. O museu tem a ciência decantada no tempo. Tem toda a herança. O museu não é só o que se vê. É uma herança. É uma herança cultural muito grande. Uma biblioteca de museu é uma coisa maravilhosa. Vai à biblioteca do Museu de Zoologia, principalmente com as bibliotecárias que tem. Você fica fascinado. É Isso. Museu é uma história.

FAPESP..

Meu trabalho não tem nada de contribuir com a ciência.

Isso é o menos importante.

O mais importante é o prazer estético de se fazer uma coisa que exista...

Por encargo do professor Carvalho Pinto, escrevi a lei de criação da FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo).

Quando foi promulgada a Constituição Paulista de 1947, que continha o artigo que instituiu uma fundação de apoio à pesquisa, houve uma agitação na classe científica; muitos grupos se reuniam. Houve reuniões, e eu participava do grupo do Instituto Adolfo Lutz. Fizeram uma série de reuniões para motivar o governo do Estado a implementar a Constituição, o que teria que ser feito por lei ordinária. Mas essas reuniões deram em nada. Participei nessa época; ia representando o Museu de Zoologia, o interesse do Museu.

Em 1959, quando o Carvalho Pinto foi eleito, antes dele tomar posse, o Plínio de Arruda Sampaio, que viria a ser subchefe da Casa Civil, já o havia convencido a fazer o Grupo de Planejamento, um grupo de economistas e alguns assessores. José Bonifácio Nogueira tinha sido o tesoureiro da campanha do Carvalho Pinto, era muito chegado a ele, e viria a ser o secretário de Agricultura. Como sou muito amigo de seu irmão, e dele também, fui convidado para assessor científico.

Eu não tinha função científica na Secretaria de Agricultura, tocava papel para o José Bonifácio, mas tinha no Grupo de Planejamento. Fiz a lista das minhas sugestões no meu campo, porque era assessor para área de pesquisa, de pesquisa pura.

Sobre o contexto da FAPESP no planejamento do Carvalho Pinto, Plínio de Arruda Sampaio e o Hélio Bicudo são as pessoas mais indicadas para falar. Plínio como inventor do Grupo e Hélio Bicudo como o grande articulador junto ao governador.

Como assessor científico do José Bonifácio eles me pediram sugestões, iniciativas a serem tomadas pelo governo, e então eu me lembrei desse problema de falta de apoio à pesquisa, que tinha vivido tanto, da necessidade de implantação da Fundação. O Carvalho Pinto topou imediatamente, o Grupo de Planejamento topou. O Carvalho Pinto me mandou redigir o esboço da lei e nomeou uma comissão de fachada, que se reuniu duas vezes, uma coisa assim. Mas quem fez fui eu, e a parte legal foi

o Breno Asprino Arruda, que era assessor jurídico da Secretaria da Agricultura.

Tive que ir para os Estados Unidos para resolver alguns assuntos meus, e lá estive na Guggenheim e na Rockefeller, em que o pessoal era meu amigo, e na *National Science Foundation*. Estive com o pessoal da Max Planck, só não estive com os franceses.

A FAPESP, para mim, se resume num nome, Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto. Já passei por não sei quantos governadores de Estado e o único que tinha a cabeça, a decisão, a calma, a competência foi o Professor Carvalho Pinto. Se quisesse ficar cozinhando em banho-maria, ficava. Mas não ficou!

Carvalho Pinto pagou vários atrasados, fez a conta da arrecadação dos anos de 1956 até 1959 ou 1960, e pagou. E a FAPESP começou a funcionar no quarto andar da Faculdade de Medicina, e o Kerr foi o primeiro diretor científico. Nessa questão de recursos financeiros também, eu fiz uma coisa que foi, naquele tempo, alvo de muitas críticas. Inclusive do Zeferino Vaz, que atacou muito. Fiz o que a Fundação deve fazer: a FAPESP deve investir. Aliás, ela tem por obrigação, por lei, investir uma parte de seu orçamento para garantir o patrimônio; por exemplo, o governador Abreu Sodré ficou durante dois ou três anos sem pagar, e a FAPESP não parou, continuou a dar auxílios, porque tinha reservas de verbas.

O grande poder do diretor científico é essencial. Porque não se dilui responsabilidade, ele assume tudo o que faz. Ele tem uma assessoria, tem obrigação de se basear numa assessoria grande e diversificada, mas a responsabilidade é dele, é ele quem responde. Não é como no CNPq, onde não se pode saber quem decidiu sim ou não. Muito do que coloquei na lei da FAPESP foi conselho do falecido Antônio Moreira Couceiro, que era presidente do CNPq. Muitas das coisas foram postas na FAPESP para evitar os defeitos existentes no CNPq, principalmente a diluição da responsabilidade. Essa centralização da FAPESP, na figura do diretor científico, considero a coisa mais importante. O primeiro diretor administrativo era muito bom, o Celso

Bandeira de Mello. Mas ele não entendeu isso e queria estar no mesmo plano do diretor científico. Nós demos uma podada nele e ele mandou até fazer carimbo com os dizeres: *desde que o Conselho Superior me cassou as atribuições*. Ele ficou louco da vida. Era ótimo, era um advogado de primeiríssimo time, de um caráter excelente, administrativamente muito bom. Mas ele queria mandar, queria influir na parte científica, porque achava que os três diretores eram iguais. Mas não é, a decisão é do diretor científico.

A FAPESP não deveria se encarregar de nenhuma atividade de rotina das instituições, não pagaria pessoal, nem material de consumo. A FAPESP seria para dar uma força nova para as instituições. E agora acabou caindo na nossa própria cabeça: falta dinheiro no orçamento, vai-se pedir à FAPESP, coisas que, teoricamente, não seria obrigações dela, seria obrigação do orçamento normal do Estado. A FAPESP sendo oficial, ou seja, do Governo do Estado, tem que tapar os buracos do orçamento do Estado, e não pode tomar uma atitude independente e dizer: *Não. Eu não vou te dar máquina de escrever, porque não depende de mim e como você não tem máquina de escrever, não te dou técnico, não te dou auxílios viagem*. Quer dizer, não tem poder de exigir contrapartida, porque é um poder muito pequeno. Então, a FAPESP, por ser um órgão oficial, não pode ter uma independência conceitual, como sonhamos que ela tivesse. A FAPESP está ligada ao fato de que o Conselho Nacional de Pesquisa existia, e que, apesar de mal-administrado, sempre foi uma coisa muito importante. A nossa ideia era ter um CNPq paulista, com a eficiência paulista, esse o clima da comunidade. Vamos fazer o negócio como nós sabemos fazer. Ninguém iria mais mendigar no Rio de Janeiro, porque até o Couceiro ser seu presidente, o CNPq era uma repartição federal em que você ia para ver contínuos tomando cafezinho e discutindo jogo do Flamengo. E você mendigando ajuda.

Na FAPESP, a primeira coisa a ser julgada é a questão do mérito, é a qualidade. só tem que ser ciência boa. Não deve haver bolsões subdesenvolvidos ou instituições emergentes. É elitista mesmo.

A FAPESP é elitista, até hoje. Não tem esse negócio do CNPq que manda dinheiro para o nordeste porque quem sabe aparece alguém. Fui um dos que implantaram essa ideia. Acho que o certo é isso. É a locomotiva que puxa o trem. O critério número um da FAPESP é a qualidade, é excelência. Quanto a isso nunca houve discussão lá dentro, nunca houve sugestão para que se fizesse outra coisa.

A FAPESP é um órgão do governo de São Paulo, que é um Estado rico e poderoso. Não falta dinheiro para a pesquisa dentro do Estado de São Paulo, nem para a pesquisa sofisticada. Toda vez que algum cientista se queixar, principalmente da USP, que não faz tal pesquisa porque não tem recursos, bota ele na quarentena porque é malandro. A FAPESP não rola em dinheiro, mas eu não sei de nenhum bom projeto que tenha sido recusado por falta de dinheiro. A FAPESP lucra muito com o bom nome que tem. A FAPESP tem outra coisa, que fizemos desde o primeiro dia, e isso é muito cabeça do Carvalho Pinto: a FAPESP não faz promessa de dinheiro. O diretor científico só é autorizado a dar auxílio, com dinheiro em caixa, e no momento em que é dado auxílio o total é bloqueado. Então, se for uma bolsa de um ano, os doze meses ficam bloqueados hoje.

Há coisas muito engraçadas. Um dia, por exemplo, um médico conhecido meu, que tem uma clínica, queria pedir a FAPESP uma bobagem. E falei: *não é muito mais fácil você telefonar para a firma, mandar entregar no seu consultório, e pegar na hora?* Respondeu: *É, mas eu quero por no meu currículo que tive auxílio FAPESP!*

Sou contra que uma instituição como a FAPESP ou CNPq, por mais assessoria que tenha, por mais que faça grupo de estudos, se arrogue dirigir a ciência do país. Acho que isso vem da fileira. Mas não é todo mundo que pensa assim, não é o pensamento da FAPESP. Ela acredita muito em tomar iniciativas, em definir prioridades. Sou partidário do balcão, atendo o melhor que aparecer no balcão.

Penso que a FAPESP tem os seguintes papéis: primeiro, o de formação de pessoal, quer dizer, o programa de bolsas é um programa exemplar e

importantíssimo, desde a bolsa de iniciação até a bolsa de aposentado; esse é um programa fundamental. Segundo, ela tapa os buracos orçamentários, corrige o orçamento do Estado, isso também é um papel. E ela estabelece um clima de seriedade e padrão de qualidade.

Teoria dos Refúgios

Nem deveria chamar teoria dos refúgios.

*Fizemos apenas um modelo de
especialização de uma espécie.*

Um bicho.

Nós não desenvolvemos nada.

*Não usamos o termo teoria dos
refúgios no trabalho de 1970.*

Existe uma lagartixa, do gênero *Liolaemus*, cuja distribuição vem do Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro. Ela vive em ambientes de dunas. Comentei com o Aziz Ab'Sáber que, se tivéssemos um jeito de saber quando houve dunas contínuas entre o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro, poderíamos reconstituir a história dessa distribuição. O Aziz então me disse que essa era uma das poucas coisas que se sabia e puxou a bibliografia sobre o assunto para mim. Foi aí que comecei a me interessar.

Foi uma loucura a participação do Jürgen Haffer na Teoria dos Refúgios. Estávamos trabalhando simultaneamente no mesmo assunto sem saber. Só que eu estava trabalhando em parceria com o Ernest Williams, dos Estados Unidos. Por causa da distância, não tínhamos oportunidade de nos encontrar para escrever o trabalho. Quando estávamos sentados, na diretoria do museu, terminando o trabalho, chegou um envelope da revista *Science* pedindo-me um parecer sobre o artigo de Haffer. Falei para o Williams: acabam de nos passar a perna. Mas não desanimamos, ficamos entusiasmados com a coincidência entre os refúgios levantados por nós e por Haffer. Eram cinco coincidências em nove. Mandamos então nosso material e os artigos do Ab'Sáber para o Haffer e pedi à revista

Science que não mantivesse em sigilo o meu parecer. O Haffer estava em Johannesburgo (África do Sul) quando recebeu nosso material. Entrou num avião e veio para cá, conversar conosco.

Não houve disputas ou conflitos. Com a gente foi diferente, somos grandes amigos.

O modelo dos Refúgios é a sucessão de climas extremados. Quando o clima torna-se muito seco, a mata vai embora, mas restam refúgios de mata, cada um servindo de habitat para uma espécie. Quando o tempo se torna muito úmido, formam-se refúgios de cerrado ou de caatinga e o resultado é o surgimento de espécies diferentes. Esse jogo do clima indo e voltando e da vegetação acompanhando o clima é a origem dessa biodiversidade espantosa que existe.

A variação do clima provoca a variação do habitat e as espécies que ficam restritas ao habitat reduzido, se diferenciam e acabam formando novas espécies. As espécies de mata são criadas no tempo seco e, quando predomina o tempo úmido, é a vez das espécies do cerrado se diferenciarem. Suponha que, em determinado momento, a mata amazônica tenha crescido e se espalhado pelo Brasil Central inteiro. Em alguns lugares, porém, sobraram manchas de cerrado ou de caatinga. Do mesmo modo, quando o clima seco predomina, resta uma mancha de floresta. As espécies se diferenciam quando ocorre essa redução do espaço provocada por alterações no clima. Cada uma dessas formações aprisiona os animais em seu interior que seguem fiéis à sua ecologia. E, por ficarem presos e não se misturarem com outras espécies, eles se diferenciam no melhor estilo darwiniano.

Os críticos em geral são incompetentes. São pessoas que nunca andaram no mato. Os refúgios estão aí: estamos agora passando de uma fase úmida para uma fase seca e é possível ver as manchas de refúgios em cerrados e caatingas. Tem um refúgio em Rondônia lindo, num pedaço de lajeiro. Deixei a Teoria dos Refúgios de lado porque não é assunto para biólogo, é para paleopalinólogo e para geomorfólogo. Posso dizer “houve um refúgio”, mas onde foi, só os especialistas dessas áreas é que podem

dizer. É uma bobagem querer descobrir onde foi o refúgio por raciocínio biológico.

Endemismo? Bobagem! A análise de fotografia de satélites, feita com pseudocor, mostra uma heterogeneidade, não é refúgio, e manchas de solo na Amazônia. Isso só demonstra que existe uma grande heterogeneidade da Amazônia e não tem nada a ver com refúgio. Um refúgio é uma coisa extrema. É quando o clima chega ao extremo de liquidar com uma formação vegetal, reduzindo-a a pequenas porções.

Publiquei na Academia de Ciências a contestação de tudo isso. O principal é um canadense do Panamá, que é um grande mentiroso. Negócio é o seguinte, você tem, vamos dizer, na Amazônia, uma grande biodiversidade, uma grande diversidade faunística. Como aconteceu isso? Então, teve um geólogo alemão, que diz que gosta muito de aves, que descobriu que o clima da Amazônia não é perfeitamente homogêneo, há zonas mais secas, e que se o clima secasse um pouco mais do que é hoje, essas zonas perderiam a mata. Então, se o clima secasse um pouco mais, essa grande mata amazônica ficaria reduzida a várias ilhas de mata. Quando você separa populações em ilhas, elas se diferenciam. Quando ela entra em contato de novo, já está diferenciada. Então, onde você tinha uma espécie, vai ser agora, quatro ou cinco. Isso ele publicou em 1969. E eu estava trabalhando na mesma coisa. Estava trabalhando com o Williams em lagartos, a mesma coisa, nunca hei de me esquecer. Estávamos terminando nosso trabalho quando chegou um envelope da revista Science com o trabalho do Haffer para eu fazer críticas. Eu disse: perdemos a prioridade. Mas foi o segundo trabalho, sempre valeu e ainda é o que vale.

Não é em torno das datações. Porque, agora, um dos jeitos de você ver climas antigos é o pólen. Você vê, o pólen vem no ar e cai na superfície da água num lago e afunda. Então, vai ficando aquela acumulação no fundo. Aquilo carboniza, fica uma turfa, que se você tirar uma amostra, tirar um cilindro daquilo, você tem, com o carbono 14, a data de cada camada e pelo tipo de planta, pelo tipo de pólen, você vê que tipo de planta você tem. Se você

encontrar pólen de gramínea, você sabe que não é da floresta amazônica; se você encontrar pólen de árvores, é da floresta. E hoje tem trabalhos de paleontólogo, principalmente de uma pesquisadora, Maria Lucia Absy e de uma francesinha, Marie Pierre Ledru, sobre isso. Não tem dúvida nenhuma, o clima passa por ciclos mais secos quando a mata diminui muito. Quando a Ledru encontrou, em Uberlândia, pólen de mata amazônica, de mata de vargem amazônica. Quer dizer, houve tempo em que estava tudo embaixo de mata mesmo e houve tempo em que tudo estava embaixo de serrado.

Expedições...

Viagem cheia de aventura é incompetência.

*O pesquisador vai para pegar bicho
e para ver a natureza.*

*Ele vai, vê, pega, não passa fome,
não se machuca e volta para
casa com o dado na mão.*

É rotina e é rotina e é rotina!

Minhas viagens de pesquisa começaram em 1938, quando eu tinha 14 anos e era estagiário no Instituto Biológico. A primeira grande viagem que fiz nessa época foi para o Mato Grosso, acompanhando o pessoal do Biológico. Fomos de trem pela estrada Noroeste, que ia até La Paz, na Bolívia. Foi uma expedição ruim demais. Ficamos só uns dias e eu fazia o serviço braçal. Na década de 40 comecei a trabalhar como zoólogo na Amazônia. Fiquei pouco, porque não tinha dinheiro, mas achei, e acho ainda, a Amazônia o melhor lugar do mundo.

Depois vieram as viagens pelo estado de São Paulo. Pirassununga tem uma estação de piscicultura do Ministério da Agricultura que é excelente. Então não só a gente tinha peixe como era no meio de um cerradinho. Então, o primeiro trabalho sobre forma de cerrado do Brasil é meu, e feito no Cerrado de Emas. Chama *Emas esse lugar em Pirassununga*.

Viajei o Brasil inteiro coletando espécimes. Inteiro mesmo. Vinte e um estados. Para mim,

coletava réplica de anfíbios. Naturalmente aparece um bom inseto eu não vou jogar fora. Ou um mamífero.

A grande vantagem do zoólogo é essa, viajar pelo Brasil e pelo exterior sem gastar nada. No nosso trabalho, é importante que você veja os lugares. Por isso percorri onze mil quilômetros de rios na Amazônia.

O ideal seria uma expedição multidisciplinar, mas é muito difícil organizá-la. Então, ia sempre um grupo de zoólogos, um artista plástico, um economista, uma pessoa de interesse geral para dar-lhes uma chance de entrar na Amazônia e ver nosso trabalho.

Eu não tenho porque ter medo da mata. Na mata, quer dizer, você sair de viagem, você chegar num lugarzinho desses, a primeira coisa, me lembra os índios do Xingu. Os índios do Xingu uma vez fizeram uma revolução e foram falar com Orlando Villas Boas, que quando dentista ia lá, tratava de dente de branco e de índio só arrancava. Se você tem uma dor de dente num lugar desses a única coisa é arrancar.

No começo não tinha definido o que ia procurar nas expedições, mas agora tenho. Trabalho em dois campos: um é a linha de pesquisa que desenvolvo, outro é a coleção. Quanto à pesquisa, por exemplo, descobri evidências de que a aparência - número de escamas, tamanho do focinho etc. - de uma espécie de lagartos na Amazônia mudou em determinado ano. Isso não deveria ter acontecido tão rapidamente e estou interessado em entender o que aconteceu. Quanto à estratégia de coleção, é preciso ter uma coleção bem fechada, completa. Por exemplo, não tínhamos material de Rondônia. Então, fomos para lá, para o polo Noroeste, e fizemos uma linda coleção. Nossa coleção é basicamente da América do Sul, mas é preciso sempre ampliá-la em nível de gênero. Há pouco tempo, por exemplo, fiz uma permuta de 300 espécies com um museu do sul da Austrália. Essa é uma prática que falta no Brasil e que aprendi nos Estados Unidos: é preciso ter uma estratégia, uma política de coleções. Além das trocas

com museus, uma viagem também pode atender à sua necessidade.

O dia-a-dia nessas expedições: ou se está viajando de barco, ou procurando bicho no mato, ou se está na rede. É importante descansar! Passei os anos dos militares brigando com eles, principalmente com a Marinha. Volta e meia a Marinha me prendia, quer dizer, prendia meu barco, o batelão Garbe, homenagem a Ernesto Garbe, um dos primeiros colecionadores do Museu Paulista. Confiscado, não! Era preso no porto por falta de pagamento de INPS e outras razões burocráticas. Numa dessas viagens, pelo Rio Madeira, estava comigo o José Cláudio da Silva, o pintor. A Marinha nos prendeu em Porto Velho e o Zé Cláudio aproveitou para pintar. Ele pintou 120 quadros nessa viagem e o marchand dele vendeu todos para o governo do Estado de São Paulo. Tem uma ala no Palácio do Governo chamada José Cláudio da Silva, com 120 quadros que ele pintou no Rio Madeira. São lindos.

A gente chegava e parava o barco. Chega um barco e é a curiosidade da zona. Vem todo mundo para ver o barco. O barco ficava penso de tanta gente sentada na beirada. E aí a gente ia fazer uma ideia do preço que podia oferecer por um bicho e começava. Era um vidão. Os melhores coletores somos nós, porque sabemos o que queremos e temos prática em coletar. É preciso saber pegar o animal sem machucá-lo. Nunca me interessei em saber quantos coletei. Na verdade, não sou um bom coletor. Mesmo assim, talvez tenha conseguido uns dez mil exemplares.

Tinha um cozinheiro excelente. Cozinheiro de bordo. Os marinheiros que pescavam, eram todos da Amazônia. Tudo gente da terra. Nós tínhamos uma rede e chamava dispensa. De noite quando a gente encostava o barco. Amarrava essa redinha na popa e de manhã o peixe vinha batendo o rabo para apanhar.

Meu caderno de campo é assim: Faço o dia-a-dia das viagens, com itinerários, aldeias e povoados que visito e a quilometragem percorrida. Não chega a ser trabalhoso, mas é preciso disciplina. É preciso tirar da cabeça que expedição científica é aventura. Expedição científica é feita na mais rigorosa rotina.

É você fazer a coisa certa, sempre igualzinha e não sair atrás de aventura. Claro que rotina permite flexibilidade: se eu ficar até duas da manhã no brejo, no dia seguinte acordo mais tarde. Se num dia estiver chovendo, não saio, fico na rede. Uma vez por semana paro de trabalhar. É preciso descansar, tomar uma cerveja.

O barco era da FAPESP, mas era no meu nome. Fiz onze mil quilômetros de rio na Amazônia. Não havia uma base de pesquisa, a base era no barco, que ficava em Manaus. O barco a FAPESP tomou. Brigaram comigo e tomaram o barco. Problema de ciúme e coisa profissional. Um dia eu tinha barco e no dia seguinte não tinha mais barco, porque o barco era da FAPESP e não meu. Estamos no Brasil.

Só uma vez tive dificuldades com os órgãos de defesa ambiental por causa das coletas, foi com o Museu Goeldi. O Ibama invadiu um acampamento meu e apreendeu o material coletado. Levaram meu material para Belém e nunca devolveram. Um dia a gente se encontra de novo... Disseram que eu tinha colocado estrangeiros irregularmente no país. Vejam se pode: o cara passa pela Polícia Federal e tem o seu passaporte carimbado no aeroporto e eu é que estou pondo estrangeiro irregular no país?

As organizações não governamentais não questionam as coletas para pesquisa, o negócio deles é o impacto ecológico. Exemplo: a Votorantim quer fazer uma represa no rio Ribeira, na fronteira entre São Paulo e Paraná. A represa iria melhorar consideravelmente a região, dar emprego à população e até melhorar a ecologia, porque a lei manda que florestem a região em torno da área. Aquela é uma das regiões mais arrebitadas do Brasil. Na reunião do CONSEMA (Conselho Estadual de Meio Ambiente), levantam-se meu amigo Aziz Ab'Sáber e o senhor Fábio Feldman e começam a dizer que há Mata Atlântica lá. Eles tiveram nas mãos o Relatório de Impacto Ambiental (Rima), descrevendo a região e com fotografias. A cobertura arbórea da região é de 4% e não tem mata virgem. É tudo capoeira secundária, terciária, quaternária. São extensões de samambaias e jaborandi, um negócio horrível, que

só pode melhorar com a represa. Mas eles têm ideia fixa.

Já o contato com os povos da região, isso é essencial. Por exemplo, eu tinha barco. Então, encostava numa vila, umas 6, 7 casas na beira do rio. Então, chegava o pessoal da terra e perguntava: “Como é que o homem é? O homem é legal”. Então, eles vinham bater papo, Então, eu dizia: estou comprando bicho. Uma cobra valia uma cerveja. Quer dizer, o preço de uma cerveja. Uma lagartixa, um pirulito. Então, a gente pagava certo, não discutia e a gente fazia, a gente acabava ficando dentro da comunidade, porque eles, sem nada o que fazer, iam ficar espiando o serviço da gente o dia inteiro e conversando, não é? Tem história muito engraçada.

Eduardo Galvão era um enorme antropólogo, o maior antropólogo que o Brasil já teve e era o pior viajante do mundo, o mais incompetente. Ele era muito meu amigo, ele tinha uma mala cabine, com duas latas de apresuntado no fundo e ele chamava esse equipamento de viagem. Então, eu viajava com ele, para gerenciar as viagens dele, aproveitava para coletar, é lógico, botava os índios coletando para mim; se bem que trabalhar com índio é uma coisa muito dolorosa, eu nunca mais quero isso na minha vida. O destino do índio é fatal, é certa a corrupção, o desagregamento, não tem como salvar o índio. Então, a única experiência que deu certo foi a do Xingu. Porque é um jardim zoológico de índio. O índio não tem autonomia, índio não pode comprar cachaça, índio não pode sair na estrada, ele é tutelado no Parque do Xingu. É maravilhoso, mas é tutelado. Agora, Galvão morreu muito jovem, foi uma pena, porque nós iríamos fazer a ecologia dos índios do Xingu juntos, mas morreu muito jovem.

O *Rio das Amazonas*, que foi longa metragem, eu acho muito bonito, porque o Amazonas é muito mitificado, as grandes, a grande. E esse é o rio do caboclo da beira do rio. Vocês não esqueçam que o caboclo da Amazônia, que é o caboclo mais mateiro que existe no mundo, é neto de cearense, que nunca viu árvore na vida. A adaptabilidade do nordestino! Quem abriu o Amazonas, foram os nordestinos, principalmente o cearense, e a adaptabilidade dele

é uma coisa fantástica. E você tem aquelas virtudes nordestinas, todas no barranqueiro do Amazonas. A cidade de Carvoeiro mudou, porque tiraram a escola, você já viu coisa mais bonita do que essa? Nesse filme que o Ricardo fez, ele interrogou um piloto, um prático nosso, sobre como se educar os filhos, tinha gente chorando no cinema. Como é que ele chamava? Raimundo. Raimundo falando sobre educar o filho, como é que se educa um filho naquele sertão perdido e tinha gente comovida no cinema. O Brasil é fogo, viu?

Há 30 anos um amigo meu, o Antenor Leitão de Carvalho, trouxe uma tartaruga aqui no laboratório. Veio com a tartaruga viva, debaixo do braço, perguntando que bicho era. Falei que era uma *Pseudemys* norte-americana, mas ele disse que não, que ela era do Maranhão. Ele nunca me contou de onde era o bicho, com medo de eu deixar escapar alguma informação e alguém “passar a perna” nele. O Antenor era muito habilidoso e criou o bicho em casa. Tinha uma piscina cheia de tartaruga em casa, mas não tinha uma nota de onde o bicho era.

Quando o Antenor morreu, resolvi procurar a tartaruga. Fiz uma fotocópia de uma espécie parecida e pedi para uma ex-aluna minha, a Maria Socorro Pinheiro, que é do Maranhão, perguntar quem conhecia esse bicho por lá. Ela me respondeu que o bicho era comum nos Lençóis Maranhenses, aparecia na época das chuvas e se chamava pininga. Então, fui para o Maranhão e foi uma viagem danada: é preciso viajar de barco à noite toda até Primeira Cruz e depois atravessar 13 km de dunas de trator. Só que no dia em que chegamos, a Socorro e eu, o trator estava quebrado. Fizemos os 13 km a pé e em seis horas, dois quilômetros por hora, bem devagarzinho. Quando chegamos aos Lençóis, disseram para gente que não tinha o bicho, porque a chuva tinha parado. Aí pensei: esse povo deve botar o bicho no poço para comer limo. Saí na rua perguntando e, antes da hora do almoço, comprei seis exemplares.

Quando voltei para São Paulo, publiquei um trabalho pesado que me deixou muito satisfeito. A descrição do gênero norte-americano estava cheia

de coisas mal-resolvidas e resolvi tudo aqui, sem sair dessa salinha, porque toda a bibliografia recente sobre répteis está nessas estantes. Mas aí comecei a cismar e a duvidar que 30 anos atrás, o Antenor ou qualquer outro pudessem ter ido a Lençóis Maranhenses. Esse bicho poderia ter vindo de algum outro lugar. Quando a SBPC me convidou para participar da Reunião Anual no Maranhão, fiquei feliz. Pensei: vou procurar de novo a pininga. Só que dessa vez fui para a Baixada Maranhense, zona muito pantanosa e ideal para tartarugas. Peguei um grande amigo e ex-aluno, o Celso Morato de Carvalho, que é professor em Sergipe, e fomos no carro dele. No primeiro posto de gasolina que paramos, perguntei para o cara: conhece um bicho chamado pininga? Tem por aqui? O cara respondeu: “Tem não senhor. Agora, ‘capininga’ tem!” Aí ele me disse que eu só ia encontrar em setembro. É um negócio lindo, não tinha como perder, porque se fosse o mesmo bicho era um negócio extraordinário e se fosse outro bicho também seria extraordinário. Foi outro bicho. E melhor: esse trabalho só me custou, graças à SBPC, R\$ 420,00, porque não tive de pagar a passagem aérea.

Como sou aposentado, juntei dinheiro e mandei fazer um barco. Vou sair viajando sozinho. Depois de quarenta anos viajando, não preciso de marinheiro. Está só faltando um dinheiro extra, que estou trabalhando para ganhar. Mas já estão pondo o leme no barco e quando estiver pronto vou sair. Vou viajar cada vez que tiver dinheiro para a passagem de avião até Manaus.

O cientista...

*Se você vai escrever, você tem que escrever direito.
Só porque eu sou zoólogo não vou
fazer uma “pachuchada”, não é?
Ainda mais eu, que escrevo,
principalmente, em inglês,
o meu sofrimento para escrever é terrível.
Eu escrevo um texto sete, oito vezes.
A maior invenção que houve para
mim foi o computador,*

*you imagine the fate of my typewriter,
that copied seven times the same
thing, with the corrections.
It was the greatest invention in the world!*

Olha, para mim, a ética vem em primeiro lugar, depois vem o resto. Você tem, em primeiro lugar, que ser honrado e honesto. Eu tinha um amigo, Darci Albuquerque, que morreu, que dizia assim: “Paulo, você já reparou que certas palavras perderam a moda. Você não ouve falar em honra, parece que é vergonha você ser honrado”. Eu, para mim, a parte ética, a parte de honra pessoal e institucional, vêm em primeiro lugar. O resto é tudo substituído. A única coisa que não é substituída é o caráter, o resto... A pesquisa, se eu não fizer, outro faz. O caráter, se eu não tiver, ninguém vai ter no meu lugar.

Desde quando me interessei por zoologia, interessei-me por evolução. Você pode entender a evolução por diversos aspectos. Eu quis estudar a origem das espécies tropicais. Era um assunto com o qual pouca gente lidava. Eu tinha a vantagem de ter uma formação estatística razoável e fiz trabalhos que se destacaram. Além disso, contei com uma ajuda preciosa. Em São Paulo, existe uma escola de Geomorfologia como não há outra no mundo. Nós temos um geomorfólogo chamado Aziz Nacib Ab’Saber, que é um gênio. Ele abriu minha cabeça, me ensinou muito. Meu trabalho mais conhecido, o modelo de refúgios, fundamentou-se nas descobertas de Aziz sobre os paleoclimas, porque o clima do mundo, e principalmente do Brasil e da América do Sul, variou rápida e extremamente. Só para ter uma ideia, onde hoje é a Amazônia, há algum tempo existia caatinga e cerrado. Do ponto de vista do que faço, essa teoria foi de uma importância ímpar, em especial para o desenvolvimento da teoria dos refúgios.

Quando voltei dos Estados Unidos com essas ideias, era chamado de pretensioso, de fosfórico, de besta e de mentiroso pelos zoólogos brasileiros. Porque a zoologia, naquele tempo, servia para identificar bicho, botar nome no bicho. Por isso, tinha

tanto amador no ramo. A zoologia brasileira era uma coleção de selos.

Todo tipo de problema pode ser bonito. Eu sou apaixonado pelo meu trabalho e se você for lá me observar trabalhando, não conseguirá entender por quê. No momento, fico horas no computador fazendo a média das escamas de cascavel para ver se a distribuição geográfica desses bichos relaciona-se, de alguma forma, com a evolução da espécie humana.

Eu tenho que passar por uma rotina impiedosa e dura sem a qual não se pode chegar a lugar nenhum. Como fazer as coisas sem serviço, não conheço a receita. Uma vez, recebi um elogio (considerei um elogio, embora a intenção não fosse essa) de um grande amigo, professor em Harvard. Ele dava lá o curso que eu dava aqui, na Faculdade de Filosofia, e pediu a minha distribuição de aulas. Mandei-lhe, ele a mostrou aos alunos e comentou: “Isso é zoologia de unha suja!”. Sem querer, foi o melhor elogio que me poderia ter feito. Eu me orgulho das minhas unhas sujas de zoólogo!

Para mim, os cientistas fazem ciência por senso estético, porque acham bonito e por vaidade. Se alguém disser que faz ciência para promover o conhecimento ou o bem da humanidade, bota esse sujeito de quarentena. Ele faz porque gosta, porque assim se realiza.

A ciência no Brasil está numa hora muito ruim, porque o dinheiro está na frente. Hoje em dia, só se pensa em dinheiro para pesquisa, só vale pesquisa que custa caro. A Faculdade de Medicina em São Paulo foi grandemente feita pela Fundação Rockefeller e o homem da Rockefeller para o Brasil chamava-se Harry Miller, foi quem trouxe genética para a USP, era um cara maravilhoso. Quando eu me formei em Harvard, ele mandou me chamar em Nova York, e disse: “Olha, eu sou paulista honorário, eu acompanho todo brasileiro que vem aqui, você terminou seu doutoramento, como é que eu posso te ajudar na sua pesquisa?” E eu disse: Olha, eu quero fazer alguma coisa em que o fato de eu ser brasileiro me ajude, não me atrapalhe. Eu não quero fazer pesquisa que dependa do último aparelho, que dependa de dinheiro. Eu quero fazer pesquisa que

dependa de eu ser brasileiro e conhecer meu chão. Ele achou isso uma coisa horrível, me mandou para a Argentina, para ver o que o italiano estava fazendo na Argentina. Mas, eu sempre fiz isso, eu, com uma garruchinha e um litro de formol criei cinco filhos e fiz a minha pesquisa, que modéstia à parte é boa. Quer dizer, a minha impostação, a minha escolha de rumo, foi uma escolha sensata. É verdade que eu tinha meu pai atrás de mim, meu pai era professor da USP, não era um pesquisador, era engenheiro prático, mas era um homem que tinha uma grande paixão por cultura e por pesquisa e me dava muito apoio. Eu sabia que iria onde quisesse, que não iria ficar no meio do caminho por falta de apoio. Mas, o que aconteceu de pior com a pesquisa brasileira, foi o que aconteceu com a pós-graduação. A pós-graduação, quando eu via, primeiro lugar, não se pensava em mestrado. Mestrado não exige nem originalidade, mas doutoramento, o que era doutoramento? O doutoramento era a criação de um novo pesquisador. A tese de doutoramento mostrava que o indivíduo tinha aprendido a circunscrever um programa, atacar esse programa com as ferramentas da profissão, tirar um bom resultado e expor esse bom resultado num trabalho de peso. Hoje em dia, você não arranja emprego em nenhuma faculdade, em nenhum lugar, se não tiver, pelo menos, mestrado. Então, a pós-graduação, agora, virou curso de aperfeiçoamento profissional, de qualificação profissional e tirou a coisa da pesquisa. As teses que se têm feito, aqui no Brasil, são, na maior parte, uma vergonha, porque, veja você, você vai reprovar um menino, tirar o pão da boca dele? Quer dizer, como a gente sabe que a pós-graduação é para ganhar a vida, então, aprova-se todo mundo. Então, está uma porcaria.

A coisa está num mercantilismo tal que uma amiga minha chegou e disse que lhe haviam negado uma bolsa na FAPESP. Telefonei para lá e perguntei o porquê. Disseram que era porque a idade dela era de 52 anos e não davam bolsa para pessoas nessa idade, só para mais jovens, porque estavam investindo no futuro e uma pessoa de 50 anos não dava retorno. Noutro dia, recebo e-mail de uma argentina:

“Ouvi dizer que o CNPq do Brasil está oferecendo bolsas para argentinos, é verdade?”. Liguei para o Conselho: “Meu nome é Paulo Vanzolini, sou do Museu de Zoologia e queria uma informação”. Do outro lado: “CPF por favor?”. Para atender telefone! Eu disse: “Estou falando com uma moça, vou acabar minha conversa aqui”. Tem um negócio chamado currículo. Eu me descredenciei faz uns 3 meses da Pós-Graduação, da cadeira de História da Ciência, em que eu era orientador, para não preencher o currículo, que é uma coisa feita para burocrata dar nota a cientista, chama-se Lattes. Você imagina? Cada trabalho que você fizer tem que botar o ISS da revista, eu tenho 150 trabalhos publicados, você acha que eu vou ficar desencavando ISS de revista? E outra coisa, qualquer profissional sabe se esta revista é ruim ou é boa. Agora, o burocrata é que quer mandar, e manda porque o dinheiro é dele.

Eu não sou pesquisador do CNPq. Uma coisa que eu ponho em todos os meus trabalhos agora: este trabalho não foi ajudado por ninguém, por agência nenhuma, nem por CNPq. O diretor da FAPESP me perguntou quando eu iria tomar café com ele, eu respondi: “Quando você tiver assessor de Zoologia, porque o que você pensa que é assessor de Zoologia, julgando pela ignorância é ecólogo, julgando pela arrogância é da UNICAMP”; ele respondeu: “Acertou nas duas”.

O que você chama de ciência no Brasil? No caso da medicina, por exemplo, se todos que fazem pesquisa parassem, ninguém iria reparar no mundo inteiro. No Brasil, podia-se notar, porque fazer pesquisa no país eleva o nível interno da profissão. Então, é importante que se faça pesquisa no Brasil, não pela pesquisa ou para competir, mas para elevar o nível do profissional médico. Dizer que está aquém é um julgamento norte-americano, mercantilista. Veja só as ciências biológicas: a briga hoje é para patentear genes e coisa assim. A lista dos mais citados da USP é uma besteira. Tem alguns dos caras mais burros que conheço citados lá. Basta o cara ser ligado a um laboratório no exterior: ele dá um espirro lá fora, ecoa aqui e outro cara o cita. Que ciência é essa?

Ciência é um termo muito geral. Hoje, por exemplo, financio minha pesquisa. É verdade que estou em fim de carreira, mas financio minha pesquisa num nível muito bom. O zoólogo pode se dar a esse luxo. Já um bioquímico tem que fazer uma pesquisa que lhe dê *grant*. A não ser que o nome dele garanta os recursos. Enquanto o pesquisador precisar garantir o seu *grant* com resultados, ele tem que ficar no trilho dos outros.

A ciência biológica vai por um caminho só, o da medicina, porque os estudos hoje se concentram na pesquisa de moléstias genéticas. É a biotecnologia empenhada em identificar e curar doenças geneticamente causadas. Todos os talentos se afunilam nessa direção e todo o dinheiro está investido nisso. Um grande defeito do sistema capitalista é que a iniciativa privada tem muito peso nessas pesquisas e as coisas ficam caras, ficam difíceis. Cada vez que compro remédio, penso: “E se eu fosse pobre, como me arranjaria?”.

Não se pode negar, porém, que se trata de uma aventura intelectual muito bonita, nem sempre explorada honestamente. De qualquer forma, à medida que o conhecimento avança, a expectativa de vida aumenta e, às vezes, me flagro perguntando quando começar a não morrer mais ninguém, onde vamos pôr tanta gente?

É preciso avaliar se você tem força para criar um trilho próprio e se te deixam. Não tive problemas, mas isso não é o normal. A teoria que fiz sobre formação de espécies, Teoria dos Refúgios, é de 1970 e é aceita até hoje. Fazê-la não me custou nada, a não ser meia dúzia de viagens à Amazônia e ser amigo do Aziz Ab'Sáber, que me explicou um monte de coisas por fora dos livros. Nós, os zoólogos, podemos nos dar a esse luxo. Se você pega um bioquímico que precisa de equipamento e muito dinheiro, ele só consegue isso se rezar pela cartilha da profissão. Ele vai entrar na rotina da profissão. O Leloir, por exemplo, ganhou o prêmio Nobel trabalhando no porão da casa dele, na Argentina. Só que era milionário e sustentava sua pesquisa.

Vejo a situação da Amazônia com grande desgosto. A equipe dessa ministra, Marina Silva é muito

ruim. O João Paulo Capobianco, secretário-executivo do Ministério do Meio Ambiente é o pior que tem. Agora ele inventou essa história de gestão do patrimônio genético. A Amazônia inteira quer derrubar a floresta. Principalmente o pessoal que vive lá mesmo. O único jeito seria diminuir a população. Não existe desenvolvimento sustentável. É uma besteira completa. Enquanto a população crescer, você não vai negar comida. Tranca a porta e perde a chave. Enquanto tiver gente e gente fazendo mais gente, como você vai comer sem plantar, sem matar os bichos que estão por lá?

Essa menina, a Marina Silva, é louquinha. Eu conheço muito bem, porque eu trabalhei no Acre e em Rondônia toda a minha vida. Ela é histérica, aprendeu a ler com 17 anos e nota-se, entrou no convento para aprender a ler. Ela não é de direita, mas é completamente incompetente no prático. Eu entendo que esses, Marina e Gil, sejam ministros de aparência, mas que tenham quadros que fizessem o serviço. Mas não! Gilberto Gil faz uma besteira atrás da outra. Marina não entende nada. Um bom ministro que o governo tem, que é o Cristóvão Buarque, da Educação, está a escanteio. Tiraram as universidades federais do Ministério da Educação e transferiram para o Ministério da Ciência da Tecnologia, pra esse imbecil, que é um cara do Itamaraty, o ministro Roberto Amaral, que nunca viu Ciência e Tecnologia na vida. O Cristóvão é ótimo, foi um belo reitor da UnB, um belo governador do Distrito Federal. Eu acho que esse menino do Fernando Henrique, que é da USP, o Francisco Weffort tem de publicar livros, fazer congressos e fazer convênios. O Ministério da Cultura é isso, tem de ser um ministério de infraestrutura. Não é Cuba, não é botar atleta no pódio. O Weffort foi bom, viu. O Instituto do Livro publicou um monte de coisa boa, teve congressos internacionais bons.

Internacionalização da Amazônia, graças a Deus, já não se fala mais nisso, mas o problema da Amazônia não é a internacionalização. O problema é o seguinte: existe desenvolvimento sustentável? Não existe. O único jeito da Amazônia é trancar a porta e perder a chave. Não vender machado, nem fósforo.

Você pode fazer isso? Vamos por a coisa num nível mais rampeiro. Você diz, por exemplo, conservar a natureza, está certo? Então, o caboclo vê um veado passar na frente dele e fala para o filho: você vai passar fome hoje, porque nós vamos conservar a natureza. Ou então, ele matou o veado e não vai vender o couro? Vai perder 5 mil réis? Quer dizer, nós somos um povo pobre, nós temos esse patrimônio na Amazônia, só que somos um povo pobre. Então, o que fazer, é um problema mesmo. E eu não vejo ciência no Brasil para isso. Não tem ecologia no Brasil, para dizer a verdade.

O dia que o Brasil for um país culto, ninguém passa fome, ninguém queima o mato. Mas até ser culto eu não sei como é que nós vamos fazer. Já começamos com esse azar de ser colônia de Portugal. O índio queima, mas ele queima meio hectare. E muda de lugar, mas a queimada do índio é benéfica. Ela abre uma clareira, que é uma coisa importante na mata, a clareira. A mata continua não é tão boa como a mata com certas clareiras, onde entra sol e crescem outras coisas. Então, a agricultura do índio é favorável.

O Serrado tem muita queimada natural, mas essa não prejudica, não. Só queima palha. Como a grande armação da mídia, o incêndio de Roraima: um ano choveu muito, deu muito capim, no ano seguinte não choveu nada, deu muita palha. Quando eles botaram fogo para renovar o pasto, deu uma labareda, que eu não sei, inventaram que Roraima estava pegando fogo. O estrago não chegou a 6%, mas fizeram um carnaval, a mídia armou um carnaval. Fui eu, o Ibama me pediu. Eu fui ameaçado de morte, porque eu falei que o estrago era, no máximo, 5%. A Nações Unidas achou que era 3%, ainda fui mais pessimista que a Nações Unidas. Não, mas tinha jornalista esperto lá. Quer ver, o cara pegou, encheu de palha um arbusto, botou fogo, deitou de costas e fotografou o “Inferno de Dante”. Outro veio conversando com o presidente do Ibama. E porque não sei o quê e tal. Quando chegou numa árvore queimada, ele parou o fotógrafo e fotografou o presidente do Ibama inspecionando o desastre. Foi uma armação espetacular. Quem gostou do incêndio de Roraima foram

os bombeiros da Argentina. Veio uma companhia de bombeiros argentinos, média de altura 1,80, loiros e bonitos, mas foi um arraso. O argentino dizia para mim: “Doutor Vanssolini, brasilenã, maravilhosa, doutor Vanssolini”.

Pois é, o que eu digo é isso, com o aumento de densidade da população, o que lei adianta? Você vai dizer para o cara: não coma. O cara vai para a Amazônia, você vai dizer para o cara, não coma, não dê de comer para os seus filhos?

Eu não vejo políticas porque não tem a base para pensar alguma coisa positiva, você não tem base, como inventar nada. Não é só informação. É por falta de síntese, por falta de cabeça. A pesquisa não é só informação. Pesquisa é síntese, quer dizer, você tem que criar e nós não temos criadores. Pelos atuais estudantes de pós-graduação eu acho que ninguém vai ter solução, porque a pós-graduação está muito ruim.

Eu acho que não devia precisar de cota, não é? O que precisava era dar dinheiro para o negro desde pequeno. Eu sou a favor de que eles recebam todas as chances que os outros recebem. A cota é uma muleta. Não é só negro. Quem é que entra na USP aqui em São Paulo? É só filho de rico, que fez bom ginásio. Então, o problema de desigualdade social, no Brasil, não tem preto, nem branco, é desigualdade social grosso modo.

Uma das maiores emoções que eu tive na vida foi na Amazônia, ao lado do Márcio Ayres, primatólogo, que eu conheci no berço. Logo quando chegamos pensaram que nós éramos regatões e foram logo perguntando o que vendíamos. Dissemos que estávamos trabalhando nessa coisa do mico-de-cheiro. “Qual o senhor quer?”. Perguntaram. “O da cabecinha ruiva ou o outro?”. Quase desmaiei na hora. Eles já sabiam que eram dois tipos. Eu fui lá e matei. Depois taxidermizei e o Márcio descreveu, fazendo uma homenagem ao então orientador, dando o nome ao macaco de *Saimiri vanzolinii*.

Aos novos cientistas O primeiro conselho é que não sigam os conselhos de ninguém e que se apliquem e façam bem feito, com amor ao seu serviço.

A zoologia foi muito boa para mim. Deu-me bom emprego, viagens, boas amizades. Há algumas espécies de lagarto que tem meu nome. Isso é a coisa mais normal do mundo. Você pega uma espécie nova e dá para o colega descrever e bota o seu nome. Tem um sapo que se chama Vanzolini. Eu tenho um azar, eu pego sapo, gambá, bicho nojento, parasita intestinal.

O historiador da ciência

Pensar a teoria é um ato social.

Charles Darwin pertencia à classe alta inglesa. Não precisava trabalhar. Ele sempre gostou de história natural e, ainda jovem, conseguiu emprego numa das inúmeras expedições originárias da Inglaterra que se dirigiam para todos os cantos do Novo Mundo à procura de riquezas e de rotas comerciais, mas que geraram muito conhecimento e aguçaram a curiosidade dos cientistas. Darwin veio como naturalista em uma expedição cujo objetivo era fazer um levantamento da costa da América do Sul e de parte do Pacífico. Para se ter noção do estágio da ciência daquela época, eram os zoólogos que estudavam os crânios dos índios e não os antropólogos. Para eles, índio era bicho mesmo.

Darwin parou aqui no Brasil e não gostou. Não gostou do povo brasileiro. Gostou muito do gaúcho argentino. Quando mencionamos essas expedições, costumamos lembrar apenas de Galápagos, mas Darwin observou muita coisa interessante nessa viagem. Na Patagônia e no Uruguai, por exemplo, encontrou fósseis importantíssimos para a elaboração da Teoria da Seleção Natural. Principalmente fósseis de tatus gigantes. Em Galápagos, porém, deparou-se com aquele grande cenário intrigante: inúmeras ilhas, que apresentavam flora e fauna distintas e tinham origem independente no fundo do mar. Essa imagem ficou definitivamente ligada à obra de Darwin.

Darwin era um gênio, porque foi o primeiro a enxergar claramente algo de que ainda ninguém

se apercebera. Lembre-se de que não havia a menor noção de genética naquele tempo. Seus cadernos de anotações são uma loucura! Ele não emitia nenhuma opinião sem ter mil documentações que a comprovassem. Por isso, levou tantos anos para construir sua teoria. Simultaneamente, porém, ia desenvolvendo um trabalho comum de zoólogo. Um trabalho sobre cracas, aqueles pequenos mariscos marinhos que se fixam nas rochas e objetos flutuantes.

Ele percebeu, também, a importância dos animais domésticos como modelo de evolução, porque com eles a seleção é acelerada. A seleção na natureza é lenta, mas, quando um criador mata dez animais para selecionar um, está acelerando todo o processo. Apenas aqueles que permanecem vivos transmitem seus genes. Esse interesse levou Darwin a trocar extensa correspondência com criadores de pombo, tornando-se grande conhecedor de raças de pombo.

Lamarck foi um naturalista injustiçado. Suas experiências cortando o rabo dos ratos e constatando que os filhotes continuavam nascendo com rabo, comprometeram sua reputação.

Lamarck defendia que o desuso de um órgão acabava levando-o à atrofia, mas que, se fosse estimulado, desenvolveria características que seriam transmitidas às gerações futuras. Para sermos mais claros, vamos analisar o que acontece com os órgãos vestigiais. Os peixes que nascem em cavernas escuras praticamente não enxergam. Essa perda dos órgãos rudimentares pedia uma explicação que, com o tempo, a genética se encarregou de oferecer. Sabe-se, hoje, que para manter algo complicado como o olho em funcionamento são necessários inúmeros genes. Se algum deles fracassa, a probabilidade de o bicho morrer é grande e, nesse caso, o gene defeituoso será descartado. Isso é a seleção natural. Agora, o bicho sobrevivendo, porque ter ou não ter olho não faz a menor diferença, os defeitos se acumulam de uma geração para a outra e provocam mutações deletérias permanentes. Na época, Lamarck chegou à única conclusão que a ausência de conhecimento genético permitia: o desuso explicava esse tipo de fenômeno.

Darwin era lamarckiano e, mesmo depois de *A origem das espécies*, repetia os ensinamentos de Lamarck.

A teoria estava madura para acontecer a qualquer momento. Só faltava alguém capaz de reunir tanta documentação e argumentar com a propriedade que Darwin fez. A edição do livro *A origem das espécies* esgotou-se em um dia e agrediu profundamente todos os conservadores. Esse, aliás, era o drama pessoal de Darwin do qual só tomamos conhecimento pelos diários que deixou.

Darwin era um conservador que chegou a uma ideia revolucionária. Ter seguido em frente representou uma tremenda honestidade com o próprio pensamento e com a ciência. Acho que, se pudesse, teria desistido. Para se ter uma ideia do panorama científico da época, o primeiro grande paleontólogo, Crivillier, uma geração antes de Darwin, quando via uma sequência de fósseis, acreditava que, num determinado momento, Deus matava todos os animais e os substituía por outros, criando uma geração melhor e mais evoluída. Essa teoria foi chamada de catastrofismo.

Wallace era colecionador profissional. Em suas viagens, conseguia bichos que levava para compor a coleção do museu e chegou a conclusões semelhantes às de Darwin, vivendo a milhares de quilômetros de distância um do outro. O pensamento dos dois convergiu na mesma direção por uma dessas coincidências inexplicáveis da vida. Quando Wallace mandou seu artigo para ser publicado na Inglaterra, um editor, que conhecia Darwin, ficou surpreso – Meu Deus do céu! Os dois estão na mesma! –, mostrou a Darwin o trabalho e os dois decidiram publicar juntos o que haviam escrito. A teoria de Darwin já estava pronta, quando soube das ideias que Wallace defendia.

Muitos preconizam que o certo seria falar em Teoria da Seleção Natural de Wallace e Darwin. No entanto, é preciso considerar que a documentação de Darwin é imensa e que ele escrevia muito bem. Wallace fez apenas um artigo; Darwin, um livro. Sou grande fã do Wallace, mas não se pode negar o valor da contribuição de Darwin.

O zoólogo tem que ir para o mato. Em casa você não vê nada, só vê a cara da sua mulher. Se quiser ver bicho, tem de ir para o mato.

Pensar a teoria é um ato social. Ninguém criado no isolamento consegue construir uma teoria. O ambiente científico vai evoluindo aos poucos e instigando as ideias a amadurecer. Darwin retratou as indagações e preocupações de seu tempo. Ele foi o gênio a quem coube documentá-la, formulá-la. Porque uma coisa é enxergar e outra é formular. Principalmente, como diz Karl Popper, formular de uma maneira que possa ser falsificada, que possa ser contradita, que possa ser examinada criticamente. Quem leu não *A Origem das Espécies*, mas leu outros livros de Darwin, como *Evolução em animais e plantas de domesticação*, verifica a fantástica quantidade de dados interpretados corretamente e obedecendo a uma disciplina mental fabulosa. O homem era um gênio, mas o fenômeno é social e, como as ideias amadurecem dentro do ambiente científico, é importante estar num grande centro.

Isso é uma posição filosófica, consciente ou inconsciente, muito comum. A ideia de progresso subentende que existe avanço, desenvolvimento e que tudo caminha para a frente. Agora, que o homem é um bicho diferente, ele é. Porque quem foi à Lua, não foi o morcego, nem o macaco, fomos nós mesmos, os homens. Então, é desculpável que se fale em progresso. E tem outra coisa, também pensando filosoficamente (desde que um ignorante possa pensar filosoficamente): toda vida animal é baseada no egoísmo. O único animal que tentou, pelo menos da boca para fora, vencer o egoísmo, foi o homem. Bicho nenhum pede licença para comer o outro, para comer o irmão ou matar o filho. O único que tem senso ético é o homem. Sob tal ponto de vista, se achamos que isso seja um aperfeiçoamento, ele existiu na escala evolutiva, sem dúvida.

Samba...

*Processo de criação é ficar pensando.
A melodia e a letra juntas.*

*Um puxa o outro, o outro puxa o um.
Não gravava nada.
Aí, um dia, eu mostrava,
quando achava que estava pronto,
eu mostrava, ou para o Paraná
ou para o Adautinho,
e aí a gente punha no violão e acertava.
Tudo memorizado.*

Morei na Alameda Tiete e Rua Atlântica. Em frente da casa do meu pai tinha uma quitanda e em cima da quitanda era um clube de futebol. Uma vez por semana davam uma dança no clube de futebol e eu sentava com a orquestra para aprender samba desde pequeno. E meu pai foi para o Rio de Janeiro quando eu era criança. Ele foi para construir a Escola Normal do Rio, hoje Instituto de Educação e eu ouvia Noel Rosa no rádio, era o maior fã. Eu descobri Noel Rosa, ninguém me falou que ele era bom, descobri sozinho.

Comecei a gostar disso em 1942-1943, por causa de um show acadêmico que existia no Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito, no Largo de São Francisco. Era lá que nos reuníamos para conversar e tomar cerveja. Íamos tanto que acabei me tornando o apresentador do show. Lá, havia um regional de música muito bom, chefiado pelo Manuel Pedro Pimentel, que estudava direito na época e depois se tornou desembargador e secretário de Estado. O Pimentel era o violão-base do nosso regional. Tinha também outros rapazes, como Fausto Cerri e Carlos Fernando Sá, que eram cantores profissionais. Também o Bezerrinha, que morreu outro dia. O Fernandinho chapéu-de-palha e a Inezita Barroso também andaram por lá. O Centro XI de Agosto era nosso ponto de encontro, onde nos reuníamos para jogar sinuca e discutir política.

Sobre a reforma agrária, é o seguinte: eu estava fazendo um serviço, uma briga entre fazendeiros e 800 famílias de meieiros. E estava o Partido Comunista no meio, era uma bagunça danada, e no lugar mais longe que tem no estado de São Paulo, Santa Fé do Sul. Eu tinha, não tinha rádio, era o telégrafo de código morse, e o meu telegrafista me

falou: *Olha, o colega de São Paulo me passou o recado que vem um delegado para atrapalhar o seu serviço.* O trem chegava às 2 horas da madrugada. Duas horas da madrugada eu fui lá, e, de fato, chegou um delegado com um investigador. E eu, para fingir que não estava ligando, que estava muito a vontade, comecei a assobiar. Ele falou: *Que música é essa?* Eu falei: essa é a música de um velho amigo meu, Angelino de Oliveira, que eu dei para Inezita. No dia seguinte, ele disse: *É meu pai.* Resolveu o problema. Vim aqui para te ajudar. Angelino me cantou essa música. Ele veio para São Paulo, ele era agente de seguros em Botucatu, ele veio para São Paulo, arranjou apartamento emprestado na rua Martins Fontes, só que não tinha água, nem luz e nem mobília. E eu fui lá, ele tinha um caixote no chão, com uma vela em cima, nós sentamos, ele me cantou a música *A tristeza do Jeca*, maravilhosa, né?

A gente aprende no rádio. Chico Buarque, por exemplo. Todo mundo aprende samba no rádio. Vai ouvindo e vai sedimentando dentro da sua cabeça. E não tem tanta novidade assim. Vou lhe dizer uma coisa: qualquer bom violonista, eu canto samba pela primeira vez e ele me acompanha. Todas as minhas músicas eram acompanhadas por gente assim: Luís Carlos Paraná, Aduino Santos, o (Eduardo) Gudin. A primeira vez que eu cantava eles saíam acompanhando porque a melodia não tem novidade nenhuma. É tradicional mesmo.

Comecei a compor na década de quarenta. É, por aí. Um dia eu dei tanta risada, fui tomar um táxi no supermercado para ir para casa, e o chofer me perguntou: *O senhor fez uma música chamada Borboleta Azul?* Eu disse: *Fiz, aí por 1940...* E o taxista: *os estudantes de Direito estão dando pindura cantando Borboleta Azul, de Paulo Vanzolini.* Nós tínhamos uma turma de estudantes pobres, e nossa farra era tomar um negócio chamado samba em Berlim, que era guaraná com cachaça, e arrumar encrenca no baixo meretrício. E uma noite um dos nossos, que até morreu, já como desembargador, chegou bêbado e disse: *há uma borboleta azul tramando contra a mocidade acadêmica. Unamo-nos contra ela!* Então nós formamos esse Clube da Borboleta Azul. O negócio

era beber samba em Berlim no meretrício. Mas aí eu fiz a música e a estudantada hoje canta pra dar pindura. O negócio da pindura era muito interessante. Hoje mudou muito. A maior parte do pessoal tinha bom humor e não gastava muito. Mas tinha, por exemplo, um restaurante que esqueci o nome, bem lá no Centro, na Avenida Ipiranga, e esse não dava pindura, porque quando entrava rapaz novo eles não serviam. Entoces: *É lá que nós vamos dar*. Tinha um amigo nosso, chamado Dagoberto Zimmermann, que era um homem que parou de estudar e aos quarenta anos voltou para a faculdade. Era um gordo, bigodudo. Então, foram dois rapazes, lá nesse bar, e disseram que eram corretores de terrenos da Companhia City (grande empresa imobiliária da época), e que queriam dar um banquete em homenagem ao gerente de vendas. O que convenceu mesmo o dono do restaurante foi que eles discutiram tanto o preço e disseram: *Pode ter licor, pode ter charuto* Chegamos lá, comemos e tudo, e o Dagoberto chegou pro dono do restaurante e disse: *Olha, a meninada quer pagar isso, mas eu não aceito*. Tirou um cartão de gerente da companhia: *Manda segunda-feira pro escritório*. O garçom parou: *Não, não, não!* Foi a maior pindura. Mas hoje tem uma coisa engraçada: a gente às vezes ia preso, chegava lá dava um pique-pique pro delegado e saía. Mas agora tem muito delegado formado em outras faculdades, tem raiva de advogado, e bota a turma no xadrez.

A grande vantagem de São Paulo era essa: que não havia a idolatria da celebridade. O primeiro centro de encontro deles era a sede dos Diários Associados, na Rua Sete de Abril. E o dono, o Chateaubriand, contratou esse malandro italiano, o Bardi, para fazer um museu, o MASP. O museu era no segundo andar do edifício dos Diários Associados. Tinha um barzinho, era um lugar barato e bom. E a gente se encontrava então, seis e meia, sete da noite para tomar cerveja e bater papo: Sérgio Buarque, Arnaldo Horta, Mário Neme, Antônio Cândido, Paulo Emílio Sales Gomes, todo esse pessoal. Isso era o bom de São Paulo: eu, que não era ninguém, podia bater papo com o Sérgio Buarque com a maior intimidade e aproveitar pra burro. Nunca houve essa

coisa de mais novo e mais velho, os meninos iam entrando na roda da gente, como eu entrei na roda dos mais velhos eles entravam naturalmente. Era uma coisa muito engraçada, da qual senti muita falta nos Estados Unidos, uma profissão que se chama “ser intelectual”. Nos Estados Unidos conheci todos os grandes homens da minha profissão e nunca conheci um escritor, um músico. E, na minha profissão, conheci todos os grandes do mundo. Agora aqui, não. O Sérgio Buarque, o Arnaldo Horta, um grande jornalista, um grande artista plástico, eram meus íntimos amigos.

Compunha na cabeça, Acompanhamento só me atrapalharia. Tudo de cabeça. Se tiver um sambista de rua sou eu. Acordando o dia inteiro e pensando. Eu larguei de compor porque cansava muito. Não é fácil você compor. É. Muita preocupação. Você não tira a cabeça daquilo. Vira obsessão. Sempre sozinho.

Depois mais tarde eu arranjei parceiros. Um parceiro muito bom que eu tive foi Eduardo Gudin. Que é muito inteligente. Para fazer parceria não dá para fazer com bobo. Tem que ser o sujeito inteligente. O Gudin foi um bom parceiro que eu tive. O que eu fiz com o Gudin? *Mente, Condição de Vida, Pra tirar você do sangue, Longe de casa eu choro.* *Longe de casa eu choro* foi uma coisa engraçada porque eu quando era jovem escrevi um livro de poesia chamado *Lira de Paulo Vanzolini* e o Clube de Poesias publicou. E eu dei para os meus amigos. Um dia Paulinho Nogueira, que era meu companheiro de Campinas e grande amigo disse: *Xará, você está errado. Você não é poeta, você é letrista. Esse livro teu está cheio de samba esperando melodia* e botou. *Volta por cima* ele que fez. Estava no livro. Esse *Longe de casa eu choro* também está no livro. Quem muito me entusiasmou para publicar foi um amigo que eu tinha. Que era um bom poeta e muito meu amigo que era Geraldo Vidigal. Um belo poeta. E foi ele que me entusiasmou. Quem publicou o livro foi o Clube de Poesia. Domingos Carvalho da Silva. Eu tinha uns 20 anos.

Minha primeira composição é *Ronda!* Fiz a música em 1945, no tempo em que andava na “zona”.

Vocês veem que é um negócio de uma pieguice tremenda. O que gosto mesmo é de ter criado, com outra música minha, uma expressão que ouço todo dia: *dar a volta por cima*. Fiz a música em fins dos anos 40, início dos 50, e a expressão “caiu na língua”.

Esse negócio de compor em mesa de bar é besteira. Ronda no começo é fortuito: você pega uma frase e uma melodia que caem bem juntas e experimenta, experimenta, experimenta. Depois, larga um tempo, tem uma ideia e volta e assim vai. Compor não é como escrever um paper de zoologia. Porque o *paper* você tem completo na cabeça. Só se tem o trabalho de condensar o assunto e ser eficiente. Na música, você cria e recria. É como se ela fosse se formando em camadas. A música nunca foi uma coisa séria pra mim. Se fosse, eu iria aprender música, coisa que não sei e para a qual nem tenho jeito. Já o trabalho científico é sério e mais difícil.

Não toco nem caixa de fósforo! Um dia o Eduardo Gudim, que é muito meu amigo, foi dar um show para uns jornalistas numa dessas convenções e pediu que o Paulinho Nogueira e eu o acompanhássemos. Quando acabou, fui muito aplaudido e o Paulinho Nogueira falou para a plateia: *Vocês são muito simpáticos, mas não entendem nada de música, porque bateram palma para o único sujeito no mundo que não sabe a diferença entre tom maior e tom menor*.

Não tenho ouvido nenhum! Minha mãe tocava piano. Minha irmã também tocava piano maravilhosamente e estava sendo preparada para ser concertista, mas aí casou com um politécnico “de quatro lados e quatro ângulos iguais” e fechou o piano no dia do casamento.

Na hora de compor, eu pego um tema e faço. É muito mais serviço do que outra coisa, do que inspiração. A Capoeira do Arnaldo foi porque o Carybé (Rubens Carybé, artista plástico argentino, radicado na Bahia), que era muito amigo nosso, chegou aqui em São Paulo, e foi quem trouxe a capoeira baiana aqui para São Paulo. E aí, o Arnaldo Horta (artista plástico e crítico paulista), que era muito amigo meu, chegou e disse: *Você é um merda, porque chega esse gringo aí cheio de capoeira e você nunca fez*

nenhuma. Eu disse: *Amanhã te trago um*. E fiz naquela noite mesmo.

Levei 25 anos para fazer a letra de *Pedacinho do Céu*. Letra de choro não é fácil, porque tem que ser muito exata, coincidindo com a pincada da palheta do bandolim ou do cavaquinho. Waldir era cavaquinho. Eu tenho um ouvido muito ruim, eu não conseguia aprender a melodia da segunda parte. Aliás, quando eu compus o primeiro verso: *Tem nos seus olhos dois favos de mel*, eu sonhei que o Adoniran me dizia: *Fala flávios, Paulo, fala flávios*. Eu gosto dessa letra, pra burro. A exatidão que você tem que ter na contagem da sílaba e onde cai o acento é um trabalho de ourives, é uma mão de obra danada. Em *Pedacinho do Céu* quando foi feita, tinha uma letra, que dizia “um estranho troféu” – meu pai dizia assim: *Estranho troféu, meu filho, é o chapéu que as mulheres usam em casamento*.

Eu dou uma certa liberdade para o cantor mudar um pouco a letra, e tal e coisa, mas esse pessoal, ela, o Ítalo Peron, que foi o diretor musical, eles são de uma exatidão, de uma exigência, que eu nunca mais me meto nessa, não!

Se um dia eu tiver vontade, eu volto a compor. A última música que eu fiz, já fazia alguns anos que eu não fazia, sentado no terraço de uma fazenda em Mato Grosso, me deu vontade de fazer, eu fiz. Chico Buarque gravou: *Quando eu for...*

Não tem história para contar. Negócio de histórias para contar é a desgraça da minha vida. Eu fui muito amigo do Adoniram Barbosa e todo mundo quer que eu conte história do Adoniran. E não tem história nenhuma para contar do Adoniran. Eu fui muito amigo do Geraldo Filme e não tem nenhuma história para contar de Geraldo Filme. A vida é simples e cotidiana. Negócio de história geralmente é inventada.

Você conhece o samba da casa do Nicola, Um Samba no Bixiga, em que voavam as pizzas? No fim tem um recitativo do sargento falando: *Ouvimo o Sargento Oliveira falar/num tem portância vou chamar duas ambulância/Aí ele diz assim: carma pessoal! a situação aqui tá muito cínica, os mais pió vai pras Crínica*. Uma das coisas mais perfeitas.

O Adoniran era perfeito. Veja, quando ele fala: *Inês saiu dizendo que ia comprar pavio para o lampião*. Em sete volumes sobre a pobreza da periferia você não a define melhor do que alguém comprando pavio para lampião em São Paulo. Não é? Ele tinha um traço de caricaturista, aquele Samba Italiano é maravilhoso, *Piove, Piove...* Depois de 60 anos fui descobrir que tubarão não é *tubarone* em italiano e sim *pescecane*, que *tubarone* é italiano do Brás.

O Adoniran, na minha opinião, era um gênio. Um gênio autônomo! Ele nunca foi aquele, foi o personagem Adoniran que ele representava. E ele não era nada daquilo, quer dizer ele andava na vida... Engraçado, tem gente que fica vítima da personagem.

Ele apareceu uma vez e disse: *Vamos fazer uma parceria*. Aí, era a história, porque tinha uma favela lá perto do museu e ele falou que queria fazer a coisa acontecer lá naquela favela, hoje é bairro. Aí, a história é que nós chegamos no botequim da favela, eu pensando que ele tinha dinheiro, ele pensando que eu tinha, nenhum dos dois tinha, na hora de pagar, o dono do botequim tomou o cavaquinho dele, pendurou na parede e disse: *Quando você pagar, você leva*. Aí, com essa história dos 2 réis. Ele foi e arranjou 5 mil réis emprestados com a vizinha. Voltou e na hora que ele entrou e pagou o cavaquinho, riu para ele e disse: *Eu sabia que você vinha me buscar*. Agora, era para eu fazer a letra, ele fazia a música. Eu disse: *Adoniran, você já fez, o que mais que você quer?* Porque ele era... vocês não esqueçam que “*Bom dia tristeza*” ele recebeu uma carta do Vinícius de Moraes e botou a melodia, que é para não por defeito. E não só a melodia, mas o entrosamento de melodia com letra. Era uma figura também.

O pai de Chico Buarque era um grande amigo meu, o Sérgio. Eu saía quase toda a noite da casa de Sergião. O Sergio era o cara mais alegre, mais aberto do mundo. Engraçado. Quando dava para ser chato ninguém aguentava. Começava a falar alemão. Cantar em alemão. Era uma pessoa encantadora. O centro da casa mesmo era Maria Amélia. Mulher de Sérgio. Essa era a figura dominante. Todo mundo adorava Maria Amélia. Morreu com mais de cem anos. Foi por causa de Maria Amélia que eu conheci

Sérgio. Por Geraldo Vidigal, meu amigo. O pai dele, Doutor Alcides disse: *Olha, vem uma parente nossa mudar aqui para São Paulo e nós estamos muito preocupados que ela vai ficar sem ambiente. Vai ficar muito isolada. Vocês visitem. Façam um pouco de ambiente para ela.* A Maria Amélia. Pedir por favor, para ir à casa de Sérgio Buarque é um absurdo.

Chico eu conheci ele tinha três anos de idade. Nós íamos todas as noites na casa do Sergião. Uma casa maravilhosa. Sergio era um tipo fora do comum. Conversávamos sobre música. Um dia quando eu ia saindo, o Chico me parou no terraço e falou assim: *Eu fiz um samba. Você quer ouvir?* Eu falei: *Quero.* Era *Pedro Pedreiro*. E ele perguntou: *O que você acha?.* *Eu acho imelhorável!* Imelhorável! E é mesmo. O Chico tem algumas coisas que são. Aquela *Construção* por exemplo. *Rita*. Santo Deus. São coisas clássicas. O Chico nasceu sabendo. É bobagem falar em Chico porque ele tinha dezoito anos quando fez *Pedro Pedreiro*, nunca ninguém fez uma letra melhor que a de *Pedro Pedreiro*. Pode ter feito igual, melhor ninguém fez. E aos dezoito anos!

O Chico é paulista, aprendeu samba aqui em São Paulo. Quando foi para o Rio já era homem feito. Sergião veio para São Paulo para ser diretor do Museu do Ipiranga e foi morar na rua Haddock Lobo. A casa do Sérgio Buarque era um ponto de encontro, mas não eram reuniões formais. O Arnaldo Horta, o Mário Nene, o Luiz Coelho e o Oscar Pedroso Horta viviam lá. O Antonio Cândido e o Paulo Emílio também.

A experiência de produção de TV e Rádio foi muito boa porque eu precisava de dinheiro. Eu nunca trabalhei nisso porque eu quisesse. Quando meu pai morreu, fiquei muito mal de vida, com muitas dívidas e fui trabalhar em televisão. Por meia hora na semana, eles me pagavam mais do que o museu o mês inteiro. Foi o Eduardo Moreira, que eu conhecia da faculdade, e o Raul Duarte que me levaram para fazer produção na TV Record. Produzi *Alvarenga e Ranchinho*, *Aracy de Almeida* e outros.

Nessa época, São Paulo só tinha duas estações de televisão e os donos eram amigos. Então, resolveram fazer um projeto juntos em 1954 (IV

Centenário) e uma das partes era trazer cantadores nordestinos. Fui encarregado de trazer esses cantadores. Mandei trazer Dimas e Otacilio e busquei nos livros os diversos tipos de toada. Quer dizer, eu não conhecia, apenas formalizei os tipos. Na hora da apresentação, escrevia em folha de papel craft o tipo de toada, colocava num cavalete e orientava a dupla a cantar e improvisar segundo aquele padrão. O programa agradou demais. Aí, começou todo mundo a me procurar por causa disso e comecei a aprender o assunto sem querer.

Não concorri nos festivais da Record por minha vontade. Uma vez, estava fazendo uma música, ela estava quase pronta, mas eu tinha dúvidas numas passagens. Dei a música para o Toquinho dar uma olhada para mim. Ele pegou e terminou a música, como colaboração nossa, e inscreveu-a num festival. Tiramos oitavo lugar, mas foi como o português que baixou para amarrar o sapato no Jockey Club. A música não estava terminada.

Mauricy Moura era um enorme amigo meu. Quando eu comecei com música, eu era estudante, e nós tínhamos um show universitário, chamava-se Caravana Artística, que era da faculdade, estava dentro da faculdade de direito, mas eu participava e o Mauricy participava também. Fiquei amigo dele, era de Santos e eu ia visita-lo em Santos e ele fazia propostas assim: *Vamos lá no cais arrumar uma briga?*

Quando eu fui trabalhar na TV Record, o Mauricy estava lá e eu peguei Mauricy para trabalhar comigo, porque ele era um enorme cantor, uma pessoa maravilhosa e eu queria muito bem a ele. Foi o primeiro negro que teve um programa na TV. Sábado era um dia morto na TV. Então, me deram para inventar alguma coisa. Eu resolvi fazer um programa anticonvencional. Você sabe que tudo que é anticonvencional é muito convencional, não é? Então, o primeiro programa que eu fiz, foi com o Mauricy. Mauricy chamava Grifo. Aí, a história era assim: Mauricy era um negro pobre, que gostava de uma branca rica. O pai dela a mandou para Paris, para esquecer do Mauricy; ela foi e esqueceu. E o programa foi um grande sucesso.

No sábado seguinte, lembro que não teve gravação, o Moura telefona de São Vicente, que não podia vir, porque a mãe dele estava no hospital. A mãe dele era muito minha amiga, Georgina, era uma mulher fabulosa. E eu fui para São Vicente para ver Georgina, não sabia em que hospital ela estava, e fui na casa dela perguntar. Estava ela, com um regador de 20 litros, regando as plantas e eu vi que ela não estava doente. Perguntei: *Georgina, cadê Mauricy? Ê, Paulinho, estão há dois dias sentados dentro da Mercearia, comendo lasca de bacalhau cru e bebendo cachaça. Ninguém tira eles de lá.* Eu entrei, para dar a maior bronca no Mauricy. Ele olhou para mim e falou assim: “Estava tão gostoso!”. Acabou a bronca, nessa hora!

Só tenho duas gravações de sucesso: *Ronda e Volta por cima*. *Volta por cima* deu um monte de dinheiro. Comprei livro. Comprei uma biblioteca inteira em livreiro. De livros antigos. Esses livreiros de livros raros. Manda o catálogo e você compra pelo catálogo. E eu comprava e não perguntava o preço. Comprava em dólar.

Minha mulher era muito amiga da Inezita Barroso, e a Inezita foi pro Rio de Janeiro para gravar *Moda da Pinga*. Chegamos lá num sábado de manhã. O cara chegou e perguntou: “*E o lado B?*” Inezita não sabia que disco tinha lado B. Ai, precisava não só que ela tivesse uma música, mas também a autorização do autor. Então eu estava lá e dei a autorização. Olha, e foi uma coisa muito engraçada, porque tinha três instrumentistas de corda discutindo o que cada um ia tocar. Um deles falou: *Olha, o que sobrar é meu*, essas coisas. Esse era o Zé Menezes, que se tornou conhecido como Zé Carioca. Os outros eram o Garoto e o Bola Sete. Garoto foi muito meu amigo até morrer. E o clarinetista era o Abel Ferreira. Essa foi a primeira gravação de *Ronda*, improvisada no estúdio, porque eu estava lá para dar a assinatura.

Não estourou naquela época. Ficou escondida. Lado B da *Moda da Pinga*. *Meu Deus do Céu*. Não tem melhor esconderijo. Por intermédio da Inezita eu entrei no ambiente artístico e fiquei amigo de um e

de outro, e começou a aparecer chance. Todo mundo sempre louco de novidade para gravar.

Não, quer dizer, *Volta por cima* deu dinheiro pelos direitos autorais. Um tempo, *Volta por cima* deu, mas *Ronda* dá algum dinheiro de karaokê. Japonês quando fica com dor de corno, vai ao karaokê e canta essa música, o que eu vou fazer?

Depois fiz *Volta por Cima*. *Volta por cima*, eu não me lembro como surgiu. Surgiu como tudo. Deu-me a ideia de fazer um samba, e fiz.

Eu tinha um amigo chamado Zé Henrique, o Zelão. Ele tinha um bar na rua Peixoto Gomide. Era um crioulo aqui do Cambuci, do Morro do Piolho. E ele era muito meu amigo. E eu dei a música para ele gravar. Era a primeira que ele ia gravar. Mas ele falou: “Olha, eu briguei com a gravadora, mas o Borba, que era um advogado que tinha lá, arranjou uma chance pro Mário gravar. Eu ainda brinquei: “Zé, samba é que nem osso, tá na rua vai na boca de qualquer cachorro”. O seu Mário era o Noite Ilustrada, que ainda não era o *Noite Ilustrada*, se chamava só Mário. Então Mario gravou *Volta por cima*. E foi um sucesso. O único sucesso mesmo que eu tenho é esse. Tocou bastante tempo nas rádios. Deu muito dinheiro para mim. Hoje não mais. Outro dia recebi de direitos autorais sessenta e três reais.

Foi o sucesso que foi, mas o samba era de Zelão, era de seu Zé e eu mal conhecia o Mário, o *Noite Ilustrada*. Aliás, eu nem assisti a gravação e eu fui para uma zona, quando eu voltei, uns dois meses, eu liguei na rádio Bandeirantes, ao meio-dia tinha um programa chamado Parada de Sucesso. De repente, quem eu escuto: papararará, pararará, o arranjo de Portinho. Eu falei: isso é meu. Era “Volta por cima”, em primeiro lugar, na parada de sucesso e eu não sabia que tinha sido gravado.

Volta por cima é uma expressão que eu que inventei. Vai ver o que se chama o peso da vaidade. Um dia eu estou aqui, me ligaram e disseram: *Você sabe que você está no Aurélio?* *Volta por Cima está no Aurélio.*

Capoeira do Arnaldo foi assim: nós tínhamos um grande amigo, que era o Caribé e o Caribé uma vez, aqui em São Paulo, começou a cantar capoeira

no clubinho e no barzinho do museu. E o Arnaldo falou assim: *Você não presta para nada, porque esse gringo chegou aqui cheio de capoeira e você nunca fez nenhuma.* Disse: *Amanhã, te trago uma.* E trouxe! Sendo rimado é fácil. A rima se chama, é, é..., fiz no ônibus. o Arnaldo adorou. Arnaldo era meu maior fã de música. Um dia, nós estávamos no barzinho e ele disse: *Tem algum samba novo?* Eu cantei, no dia seguinte estava no Jornal da Tarde: *Samba abstrato.* O nome *Samba abstrato* foi o Arnaldo. Quando eu cantei para ele tinha feito, não tinha posto nome ainda, *Samba abstrato.* Ele que pôs o nome.

Na década de 40, rua Vitória, rua Aurora, ali, tinha uns bares que se chamavam bar de orvalho, era bar de cerveja, umas garçonetes polacas, muito gordas, tinha russo que tocava balalaica. E aí é que apareciam esses caras tocando violão por 500 réis, um real, tocava um pouco na mesa. A minha ideia do Jogral foi exatamente essa. Falei: *Paraná, vamos fazer um bar de música na mesa.* Não é o cantor no microfone, o cantor chega na sua mesa e pergunta: *O que é que você quer ouvir?* E toca na intimidade da sua mesa. Foi o grande truque do Jogral foi esse.

Então ele fez esse bar. O Jogral que era um bar de primeira categoria. Era muito escolhido. Freguesia e artistas. Inclusive o Paraná era muito meu amigo. Amigo de casa. Frequentava a minha casa. Morreu jovem.

O primeiro Jogral foi na Galeria Metrópole. No porão. Depois que passou para a Rua Avanhandava. Todo mundo que você possa imaginar começou a carreira lá. Martinho da Vila foi lançado lá. Jorge Bem foi lançado lá.

O Jogral não tinha produção, era música na mesa. O selo do Jogral é que não tinha nem microfone, era música na mesa. O cantor sentava e perguntava: *O que é que você quer ouvir?*

Quando morreu Paraná, eu perdi o gosto pelo Jogral. Paraná era muito meu amigo. Paraná era um menino de roça. Veio para São Paulo, eu nunca me esqueço, ele contava que quando ele descobriu que filme de cinema não era o mocinho e a mocinha, tinha o negócio mais diretor, e ele descobriu isso na revista Manchete, então, ele passou. Quando ele

morreu, no apartamento dele tinha uma trincheira de Manchete, de uns 2 metros de altura, por uns 4 metros de comprimento que ele nunca teve coragem de jogar fora. Ele tinha uma paixão por cultura. Ele era completamente autodidata. Ele ia para o museu, eu no microscópio, ele sentava numa cadeira perto e ficava vendo eu medir lagarto. E nisso a gente conversando. Ele acreditava que música é cultura e ele ganhou muito dinheiro no Jogral. E quando ele morreu, ele tinha comprado, eu não sei se é rua Maceió ou Alagoas, é uma rua que vai da Consolação para Angélica, ele tinha comprado 2 andares, o térreo e o primeiro andar; porque no primeiro andar ele queria fazer um estúdio de gravação ao vivo. Ele chegou a importar o equipamento, em relação à gravação ao vivo, a maioria de vocês sabe que é a coisa mais difícil que tem. As besteiras que Marcos Pereira fez, querendo gravar ao vivo são épicas! E ele, nessa hora, morreu. Paraná teve uma hepatite que chamaram de... não é cirrose nem hepatite B, como é que o povo chama, essa. Quando fica amarelo? Icterícia. Ele teve uma icterícia e não tratou. Nunca bebeu na vida.

Marcos Pereira eu conheci do jeito mais engraçado. Eu estava fazendo uma excursão de coleta, em Recife. Em Recife tem um jardim zoobotânico maravilhoso para se coletar, chama Dois Irmãos. E cheguei lá e fiquei amigo do pessoal e era exatamente o Miguel Arraes de Alencar, prefeito do Recife, deputado estadual, deputado federal e 3 vezes governador do estado de Pernambuco, que tinha ganho a eleição. Eu fiquei muito amigo do pessoal do Arraes. O Marcos Pereira era relações públicas do Arraes, aí que eu fiquei conhecendo. Quando ele veio para São Paulo, aí, amigo do Paraná e tal, então nós ficamos muito, fomos sempre amigos. mas ele não tinha cabeça de negócios nenhuma, era um péssimo negociante, acabou estourando, matou-se porque estava completamente quebrado e tinha levado muita gente com ele. Era um sujeito de uma generosidade muito grande, de uma alma muito grande, mas não tinha senso comercial nenhum. Fez a maior besteira, se metendo a ter empresa.

O Marcos Pereira tinha uma agência de publicidade. E ele resolveu fazer um disco para os representados dele. E fez no Jogra. É o disco foi um disco meu. *Onze sambas e uma capoeira*. Foi o começo da carreira. Foi o que fascinou Marcos na carreira de produtor musical foi esse disco. *Onze sambas e uma capoeira*. Participam do disco Paraná, Claudia Morena, Chico, Mauricy Moura, Cristininha. Todos os meus amigos.

Aí o Marcos começa a trazer os velhos cantores do Rio. Ele trouxe Carlos Cachça. Cartola foi ele mesmo que lançou. O Marcos Pereira tinha o número dois na agência dele que era muito ligado na questão de disco. Que era o Aluizio Falcão. Aluizio foi muito importante nesse movimento porque ele era o braço funcionante do Marcos. O Marcos era o homem das ideias, das falarias, mas o Aluizio era quem trabalhava.

Acompanhei o Marcos quebrar. Por causa da música ele quebrou a firma dele de publicidade. E matou-se. De desespero. É horrível. Não gosto nem de pensar.

Acerto de contas é o meu acerto de contas com os músicos. Porque eu sempre achei que os músicos de samba são muito injustiçados. Você pensa muito no cantor e o músico que dá o tutano da coisa é muito injustiçado. Então *Acerto de contas* era uma chance de botar os músicos em evidência. Eu adorei!

Ah, a minha obra é boa demais para Edson Gama.

Edson Gama, se vocês não sabem, sou eu! É uma história meio complicada. Quando eu fui sorteado para o exército, eu tinha sido um menino muito doente e minha família não queria que eu fosse. Eu disse para minha mãe: *eu vou, porque eu vou*. E ela disse: *Você ainda mora na casa dos seus pais*. Eu disse: *morava*. E fui morar com um primo meu, o Henrique Lobo, que morava no prédio Martinelli. Eu nunca iria confessar no prédio Martinelli que eu me chamava Vanzolini. Então, inventei esse pseudônimo de Edson Gama. Aliás, foi muito engraçado, porque no mesmo andar que nós morávamos, era o Clube de Oficiais da Força Pública, e um dia meu pai comprou um carro novo e foi experimentar, na estrada de Santos, quando o carro andava, veio uma

motocicleta da polícia: nhaaaaaauuummm. E o tenente Camilo: *Seu Gama, o senhor não tem vergonha de ameaçar a vida do nosso Edson?* Depois que ele foi embora, meu pai só olhou para mim...

Não é uma declaração que eu não vou compor mais. Eu já não estou compondo faz um tempo, eu já perdi a vontade. Tenho 79 anos, isso, por um lado, pesa. Por outro, eu estou muito sozinho. Morreu Luiz Carlos Paraná, morreu o Arnaldo D’Horta, os meus amigos com quem eu gostava de discutir as minhas músicas todas e fiquei desmotivado.

Acerto de Contas foi invenção da dona Ana Maria Bernardes, que é uma pessoa que conhece muito da música popular brasileira, porque é, simplesmente, filha de Artur Bernardes, que foi o fundador dos Demônios da Garoa, o homem que fez o som dos Demônios da Garoa. A Ana disse: *tem que fazer, tem que fazer*. Eu não sou de contrariar ninguém, entrei nessa. É a dívida que eu tenho, porque um cara ruim de música como eu, ter tido o acompanhamento, ter tido as gravações que eu tive e os cantores. Eu tenho uma gratidão muito grande. Para mim, *Acerto de Contas*, nesse disco, são os músicos, os músicos são o fino da música de cordas e de sopro, o alto-astral com que eles fizeram esse disco, a dedicação, a amizade. O Ricardo Dias filmou a feitura do disco. O show de lançamento, lá no Sesc, eu nunca vi um palco tão alegre na minha vida, tão gostoso. E a qualidade, não tem melhor!

Sou um homem em paz. Feliz? Não sei qual foi o filósofo, se Sólon ou Thales, que disse só ser possível julgar se uma pessoa foi feliz ou não, depois de sua morte, porque é imprescindível ter uma morte feliz também.

Referências

Alves A, Toletto F. A arte e a ciência – Paulo Vanzolini. *Algo a dizer* [internet]. [2009 Mar]. Acessado em 10/02/2014. Disponível em: <http://www.algoadizer.com.br/edicoes/materia.php?MateriaID=250>

- Cavalcante I, Costa VR da, Shellard RC. Paulo Emílio Vanzolini. *Canal Ciência* [internet]. [1996]. Acessado em: 11/02/2014. Disponível em: http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/paulo_emilio_vanzolini_49.html
- Cavalcante I, Costa VR da, Shellard RC. Paulo Emílio Vanzolini. In: Carvalho VM de, Costa VR da. *Cientistas do Brasil*. Depoimentos. São Paulo: SBPC, 1998.
- Geraque E. “A Amazônia quer destruir a floresta”, diz Vanzolini. *Folha de São Paulo*, Caderno Ciência. São Paulo, sábado, 22 de março de 2008. Acessado em 11/02/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2203200801.htm>
- Hamburguer, Amélia Império (org.). *FAPESP 40 anos*. Abrindo Fronteiras. São Paulo: EDUSP, 2004.
- Markun P, Dias M, Gudin E, Botezelli JC, Val F do, Oliveira L de, Hossne WS, Dias R. Paulo Vanzolini. In: *Memória Roda Viva* [internet]. [2003 Mar 31] Acessado em 10/02/2014. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/80/entrevistados/paulo_vanzolini_2003.htm
- Museu da Pessoa. Paulo Vanzolini. *Museu da Pessoa* [internet]. [2011 Nov 09] Acessado em: 12/02/2014. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/_index.php/historia/5068-paulo-vanzolini/texto
- Varella D. Paulo Vanzolini: Brilhante na ciência e na música. [internet]. Acessado em 20/02/2014. Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/audios-videos/estacao-medicina/paulo-vanzolini/>